



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ECA - ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA

Meire Prates de Souza

Manuscritos como espelho social: preservação de memórias

SÃO PAULO

2020



Manuscritos como espelho social: preservação de memórias

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado ao curso de Biblioteconomia
da Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo, sob
orientação da docente Prof^a Dr^a Giovana
Deliberali Maimone.

.

Meire Prates de Souza

SÃO PAULO
2020



MEIRE PRATES DE SOUZA

Manuscritos como espelho social: preservação de memórias

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação da docente Prof^a Dr^a Giovana Deliberali Maimone.

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Giovana Deliberali Maimone
Presidente da banca - Orientadora
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Marivalde Moacir Francelin
Avaliador de banca
Universidade de São Paulo

Thamyres Vieira dos Santos
Avaliadora de banca - Mestranda
Universidade de São Paulo

São Paulo, 10 de dezembro de 2020.



Dedico este trabalho a todos que sonharam em entrar e se formar na USP e não conseguiram pela desigualdade social e racial. Dedico também a minha família que sempre esteve ao meu lado.



Agradeço a todos os professores que dedicaram suas vidas a ensinar a empatia e a igualdade social, em especial aos professores que me ajudaram a concluir este trabalho. Agradeço também a minha própria força e persistência.



RESUMO

Este trabalho foi idealizado para entender como surgiram os manuscritos juntamente com uma introdução a sua historicidade, assim se é capaz de relembrar um pouco da necessidade dela no cotidiano e sua importância como espelho social de muitos séculos com suas memórias preservadas em folhas que foram uma revolução da ciência antiga. Essa pesquisa busca trazer indícios para uma reflexão: a visão que nossa sociedade atual obteve destes manuscritos antigos no decorrer dos tempos, sua visibilidade e importância, como enxergamos eles através das mídias audiovisuais e suas formas artísticas. O presente trabalho tem como objetivo entender as sociedades antigas através de seus manuscritos e como os mesmos foram preservados. A metodologia utilizada neste trabalho é composta por uma pesquisa bibliográfica minuciosa em sites acadêmicos, jornais online, trabalhos acadêmicos e livros. Com as informações obtidas e após um fichamento de informações relevantes, foi alcançado como resultado uma trajetória histórica dos manuscritos e um estudo social através da memória de um material revolucionário que perpetuou por gerações e nos demonstram sua funcionalidade e importância social, seja por intermédio da mediação de informações em blogs, oficinas museológicas e mídias audiovisuais.

Palavras - Chave: Manuscritos. Preservação de acervos. Memória Social. História. Códice.

ABSTRACT

This work was idealized to understand how the manuscripts appeared together with an introduction to its historicity, so one is able to recall a little of its necessity in daily life and its importance as a social mirror of many centuries with its memories preserved in leaves that were a revolution of ancient science. This research seeks to bring evidence for reflection: the vision that our current society has obtained from these ancient manuscripts over time, their visibility and importance, as we see them through audiovisual media and their artistic forms. The present work aims to understand ancient societies through their manuscripts and how they were preserved. The methodology used in this work consists of a thorough bibliographic search on academic websites, online newspapers, academic works and books. With the information obtained and after a record of relevant information, a historical trajectory of the manuscripts and a social study was achieved as a result through the memory of a revolutionary material that has perpetuated for generations and demonstrates its functionality and social importance, whether through mediation information on blogs, museum workshops and audiovisual media.

Keywords: Manuscripts. Preservation of collections. Social Memory. Story. Codex.



Lista de imagens:

Figura 01 - Planta papiro.....	12
Figura 02 - Fragmento do papiro de Oxirrincos encontrado em 1897.....	13
Figura 03 - Pergaminho antigo.....	14
Figura 04 - Manuscrito fossilizado de lava.....	14
Figura 05 - Esta imagem por tomografia computadorizada.....	15
Figura 06 - Bíblia de Lambeth.....	16
Figura 07 - “Pergaminho de pele de cordeiro pode ser o exemplar mais antigo da Torá conhecido.”.....	17
Figura 08 - Códice de metal. Códices da Jordânia, datado em torno de 1.800 a 2.000 anos de idade.....	18
Figura 09 - O Codex Giga, ou “Bíblia do Diabo”.....	20
Figura 10 - Uma réplica de tamanho real do Codex Gigas (página 577).....	21
Figura 11 - Prensa de madeira para impressão.....	22
Figura 12 - A Bíblia de Gutenberg.....	23
Figura 13 - Fontes Paleográficas Para Antigos Gregos.....	27
Figura 14 - Cadernos do botânico Francisco Freire Alemão.....	28
Figura 15 - Virgem com o menino. Ms 0510, fólio 146.....	29
Figura 16 - Uniformes Militares do Rio de Janeiro Colonial p.129.....	30
Figura 17 - Manuscritos em códices.....	31
Figura 18 - Livros acorrentados.....	32
Figura 19 - Esboço da provável biblioteca de Alexandria.....	33
Figura 20 - Imagem supondo como seria o interior da biblioteca de Alexandria.....	34
Figura 21 - Ruínas da Biblioteca de Alexandria.....	34
Figura 22 - Iluminura “Breviary de Belleville”.....	38
Figura 23 - “Inferno” folio 3v.....	40
Figura 24 - “La divina commedia”.....	41
Figura 25 - Páginas 15 e 16 do manuscrito A Divina Comédia.....	42
Figura 26 - Páginas 15 e 16 do manuscrito A Divina Comédia.....	42
Figura 27 - “Bíblia de Borso d'Este” Páginas 21 e 22.....	43
Figura 28 - “Bíblia de Borso d'Este” Páginas 21 e 22.....	43
Figura 29 - “Bíblia de Borso d'Este” páginas 198 e 199.....	44
Figura 30 - “Bíblia de Borso d'Este” páginas 198 e 199.....	44
Figura 31 - Exemplo de Miniatura Iluminada.....	45
Figura 32 - Livro com pinturas “Fore-Edge”.....	46
Figura 33 - Detalhe de “Fore-Edge” em Bíblia.....	47
Figura 34 - Detalhe de “Fore-Edge” em lombada de livro.....	48
Figura 35 - Pinturas de borda dianteira dupla da Catedral de São Paulo e da Abadia de Westminster.....	49
Figura 36 - Manual de Caligrafia, p. 11.....	50
Figura 37 - Manual de Caligrafia, p. 55.....	50
Figura 38 - Manual de Caligrafia, p. 20.....	51
Figura 39 - Manual de Caligrafia, p. 116.....	51
Figura 40 - Foto: Como fazer papiro.....	54
Figura 41 - Foto: Papiro novo.....	55
Figura 42 - Oficina de impressão.....	56



Figura 43 -Cartaz do filme: O nome da Rosa.....	58
Figura 44 - Scriptorium do mosteiro.....	59
Figura 45 - Investigadores encontram acervo de livros escondidos em monastério.....	61
Figura 46 - Investigadores folheiam livros encontrados em acervo.....	61
Figura 47 - Capa da série novelística: SAIMDANG: LIGHT’S DIARY (사임당, 빛의 일기).....	63
Figura 48 - Começando a fabricação de papéis.....	65
Figura 49 - Processos de criação do papel.....	65
Figura 50 - Processos de criação do papel.....	65
Figura 51 - Criação de papéis novos.....	66
Figura 52 - Processos de criação do papel.....	66
Figura 53 - Processos de criação do papel.....	66
Figura 54 - Uma tela dobrável de Shin Saimdang.....	67
Figura 55 - Nota de 50.000 wŏn com ilustração imaginária de Sin Saimdang.....	68



Sumário

1 Introdução.....	09
2 Manuscritos.....	11
2.1 O que são manuscritos?.....	12
2.2 Dos manuscritos aos livros (códices).....	18
2.3 Era pós Gutenberg.....	21
3 Manuscritos: memória social cultural.....	24
3.1 Os processos sociais de construção da memória: manuscritos e sua representação social	26
3.2 Como eram vistos os manuscritos em suas épocas?.....	27
3.3 Preservação e conservação de manuscritos: a Biblioteca como guardião do conhecimento.....	31
4 A arte em manuscritos.....	37
4.1 Tipos de ilustrações: Iluminuras e Miniaturas.....	38
4.1.1 Iluminuras.....	39
4.1.2 Miniaturas.....	42
4.2 Fore-Edge Painting.....	45
4.3 A beleza e informação da coloração em um dos primeiros livros.....	51
5 Preservação e mediação de memórias.....	52
5.1 Papiro – Como fazer o Papel do Antigo Egito.....	53
5.2 Black art’ up close – the Print Shop.....	56
5.3 Exemplos cinematográficos da história dos Manuscritos como a arte audiovisual retrata romanticamente a historicidade de seu surgimento.....	57
6 Considerações Finais.....	69
Referências.....	70



1 Introdução

Os manuscritos foram um meio de documentar e armazenar informações, permitindo a comunicação, o registro de casos cotidianos e transformações decorrentes das sociedades antigas. Muitos manuscritos que sobreviveram às intempéries e os séculos que nos separam são descrições de suas épocas, informações cotidianas, contos e mitos, como registros de bíblias de religiões diversas. Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar e descrever o processo de criação dos manuscritos, desde seu início como matéria prima até sua função informativa e a preservação de memórias dentro de uma sociedade medieval, a evolução para códices e assim a chegada da era Gutenberg. Como objetivo específico, a pesquisa se valeu para entender como a herança histórica dos manuscritos chega na atualidade, bem como foram preservados e como são divulgados para conhecimentos artísticos e educacionais bem como seus reflexos como espelhos sociais de suas épocas. Em continuidade a pesquisa forneceu dados para que se possa entender a necessidade do papel e de manuscritos, suas relações sociais e culturais que faziam parte de comportamentos das pessoas, o crescimento de uma nova forma de economia gerada pelo papel e a criação dos manuscritos e assim a preservação/conservação feita desses materiais através das bibliotecas. Para isso, a metodologia utilizada nessa busca resultou na união de referências sobre a temática em uma pesquisa bibliográfica que conta com sites acadêmicos e suas publicações, jornais online que trazem a temática de forma atual que mostram pesquisas feitas em manuscritos e a forma em que foram encontrados, livros que trazem em seus enredos os manuscritos e centros de conservação como foco central, bem como a busca pela temática dos manuscritos e sua historicidade feita em mídias audiovisuais para ilustrar de forma lúdica o trajeto histórico dos manuscritos apresentados em momentos de lazer.

Um problema de pesquisa, que determinou o rumo do trabalho é que tendo manuscritos como registros históricos, procura-se uma diferenciação para manuscritos ilustrados/iluminados com uma visão especializada, para entender as diversidades de tratamentos que recebem e também suas posições em relação a manutenção e exposição ao público. Esses documentos além de sua função informativa também foram palco para obras de arte que tem um valor diferenciado, a busca por essa diferenciação de tratamento especializado é uma questão aberta.

Como a história é contada de diversas formas através dos tempos, foi relevante acrescentar nesta pesquisa, formas romaneadas de maneiras distintas que são mostradas as histórias dos manuscritos, a criação do papel e sua evolução ou a sua utilização como registro.



É importante ressaltar que as obras escolhidas são antagônicas, cada uma mostrando um lado diferenciado da história do papel e dos manuscritos. Para ilustrar o conceito de preservação e representação de sua época, além de utilizar textos acadêmicos e leituras diversas, trabalha-se com dois arquivos audiovisuais, a série “Saimdang, Light's Diary” Dir. Yoon Sang-ho, 2017, esse Dorama¹ mostra em alguns episódios como eram fabricadas as folhas para manuscritos de maneira artesanal e a preocupação deles na época de fazer folhas que durassem gerações, mostram também processos artesanais de coloração e a dificuldade que o trabalho trazia bem como o reconhecimento para aqueles que o faziam com técnicas milenares passadas para gerações futuras. E o filme “O Nome da Rosa” Dir. Jean-Jacques Annaud. 1986, ilustra de forma bem “real” como eram feitos os manuscritos, os trabalhos dos monges copistas, como o conhecimento presente em manuscritos eram “proibidos” em sua época e sua forma de armazenamento.

Para satisfazer todas essas questões levantadas, baseada na metodologia de busca e análises em artigos e textos relevantes sobre o assunto, entendemos melhor como estes manuscritos sobreviveram até a época atual bem como sua organização, preservação e conservação, sendo assim a pesquisa e coleta de dados não seguiu uma ordem cronológica linear no tempo histórico. A história dos manuscritos permite assim focar em aspectos relevante para entender como eles influenciaram e influenciam a transformação social.

¹ **Dorama** é uma novela/série de dramas orientais, elas possuem um começo, meio e fim dramático, os doramas são também representados pelas iniciais de seus países: Coréia = K-Drama, Japão = J-Drama, China = C-Drama. O início dos doramas se deu no Japão sendo o J-drama o mais conhecido, expandindo-se assim a outras culturas.



Capítulo II.

Manuscritos

***O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura.
Uma vez inventados, não podem ser aprimorados.
Você não pode fazer uma colher melhor do que uma colher.
(ECO; CHARRIÈRE, 2010, p. 16)***



2.1 O que são manuscritos?

Os manuscritos foram e ainda hoje são um meio manual de documentar e armazenar informações, permitindo a preservação da comunicação através do tempo, o registro de casos cotidianos e transformações decorrentes das sociedades antigas e atuais. Antes se denominava manuscritos, tudo que fosse escrito manualmente, incluindo as bases de papiro/pergamínio, materiais como argila, ferro e madeira ou mármore. A separação das denominações foi necessária para a melhor definição e entendimento de trabalhos diferentes, sendo que a designação de manuscrito foi restringida para suportes flexíveis, como bases de papiro e pergamínio que na época eram as folhas comuns fabricadas.

Como suportes principais para esse tipo de trabalho (a escrita) o papiro e o pergamínio eram os materiais mais conhecidos da época medieval, comprados em grande escala por mosteiros que eram os centros do conhecimento e divulgação da sabedoria.

O papiro é uma planta aquática (*Cyperus papyrus*) sua origem nativa é africana, ela é cultivada de forma ornamental e também para fins comestíveis, sua principal característica foi ser utilizada na Antiguidade como formas de construir cabanas e folhas para escrever, para que o último caso ocorresse, o caule do papiro (fig. 01) que possui sua parte interna de cor branca era cortado em finíssimas tiras, elas eram molhadas e então colocadas uma em cima de outra tira, trançando-as e posteriormente eram prensadas. Como resultado desse processo era obtido uma folha flexível que era posteriormente martelada, polida com uma pasta de amido e posta para secar, assim eram feitas as folhas (exemplo fig. 02) em rolos obtidos com esse material.

Figura 01 - Planta papiro



Fonte: Descobrir Egípto²

² Imagem retirada do site: <https://www.descobriregipto.com/papiro/>



Figura 02 - Fragmento do papiro de Oxirrínco encontrado em 1897.



Fonte: Fotografia: cortesia do Museu Penn, imagem número e2748³

O segundo material mais importante na temática dos manuscritos seria o pergaminho (fig. 03), o nome pergaminho descende da cidade grega de Pérgamo, na Ásia Menor, acredita-se que lá possa ser o berço de sua criação e também sua distribuição. O pergaminho era uma folha flexível feita de couro de animal, os animais utilizados geralmente eram cabras, carneiros, cordeiros e ovelhas. A preparação dessas peles para nelas poder-se escrever era um processo trabalhoso.

O pergaminho era considerado um material mais resistente que o papiro em questões simples de que peles serem mais fortes e flexíveis que caules de plantas, e também a relação de seu custo e benefício para algumas regiões serem bem caras, pois o papiro crescia em terras quentes e populações de lugares mais frios precisavam de alternativas mais viáveis a sua oferta e procura. O processo de criação do pergaminho era de fato fatigante, pois exigia grande esforço para raspar as peles de animais permitindo uma superfície lisa sem pêlos e carnes, mergulhá-las em um banho de cal e gesso, e assim depois de uma nova raspagem eram postas para secar em grades, era obtido sucesso quando o pergaminho não possuía o odor de carne podre guardada e as tintas não fossem totalmente absorvidas pela folha flexível. Se tudo fosse feito de acordo seu trabalho enfadonho era compensado pelos seus altos valores de mercado. As vantagens do pergaminho também se mostravam na hora da escrita manual onde se era permitido a raspagem de determinados erros ortográficos ou artísticos, podendo ser novamente redigido o registro desejado. Também através do pergaminho foi possível a flexibilidade necessária para a dobra de páginas.

³ **Imagem retirada do site:** <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/grandes-reportagens/1191-ed-especial-euclides-mar2017>



Figura 03 - Pergaminho antigo

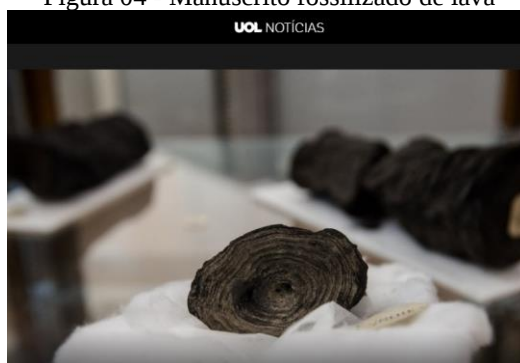


Fonte: Info Escola⁴

A preservação de memórias informacionais que nos trazem os manuscritos, pode-se ser citada na matéria escrita pelo jornal “*El País*” onde lê-se o caso dos manuscritos feitos de papiro, datados do séc. I e encontrados posteriormente a uma erupção vulcânica no século apontado, segundo a matéria referida foram encontrados 1.800 rolos de papiro recuperados onde estavam soterrados em metros de cinzas já solidificadas por séculos (fig. 04). “Seu segredo está escrito em grego, com um texto, possivelmente, do filósofo epicurista Filodemo de Gádara” (CRIADO, 2015, jornal online El País, sn.). Além de nos agregar informações do passado, estes manuscritos que são encontrados, nos ajudam a avançar em nossa tecnologia e nos possibilitam aprender com suas memórias preservadas pelo tempo e a natureza.

No dia 24 de agosto do século I da era cristã, uma tremenda erupção do Vesúvio enterrou, sob toneladas de rochas vulcânicas e cinzas, várias cidades romanas como Pompéia e Herculano. A tragédia, entretanto, serviu para conservar algumas das maravilhas do Império Romano, como os afrescos dos palácios de Pompéia. No século XVIII, foi também descoberta a Villa dei Papiri, como foi denominada (CRIADO, 2015, jornal online El País, sn.).

Figura 04 - Manuscrito fossilizado de lava



Fonte: Imagem: Salvatore Laporta/AP⁵

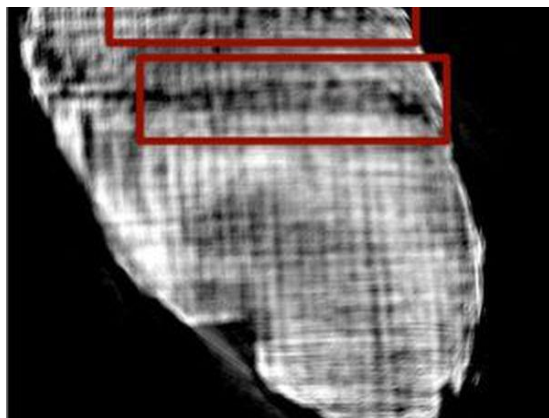
⁴ Imagem retirada do site: <https://www.infoescola.com/comunicacao/pergaminho/>

⁵ Imagem retirada do site: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/reuters/2015/01/21/cientistas-decifram-pergaminhos-antigos-carbonizados-em-erupcao-do-vesuvio.htm?cmpid=copiaecola>



Com a tecnologia a nosso favor e crescendo continuamente podemos ver o que os nossos olhos não permitem e assim nossa geração tem a oportunidade de apreciar uma incógnita escondida por séculos. Na imagem abaixo (fig. 05) vemos por meio de uma tomografia a escrita no papiro carbonizado por lavas vulcânicas. “Mesmo que ainda seja possível melhorar, os pesquisadores acreditam que foi aberta a porta da maior biblioteca da antiguidade que, mesmo carbonizada, chegou até os dias de hoje” (CRIADO, 2015, jornal online El País, sn.).

Figura 05 - Esta imagem por tomografia computadorizada⁶



Fonte: Jornal Online El País⁷

Muitos manuscritos que sobreviveram às intempéries e aos séculos que separam nossas sociedades no tempo, revelam ser descrições de suas épocas, alguns são registros científicos, sendo anotações de raízes, descobertas do corpo humano e medicina antiga, uma maioria desses manuscritos se referem a bíblias, nesses casos os mais comuns são registros cristãos, justamente pela época de maior circulação na idade média. Alguns manuscritos encontrados trazem informações de suas sociedades antigas e nos brindam com detalhes de conhecimentos seculares.

Um exemplo dos manuscritos mais antigos do mundo que pode ser citado nesta pesquisa é a Bíblia de Lambeth (fig. 06). A Bíblia de Lambeth é um manuscrito iluminado, sendo a primeira Bíblia da Inglaterra, impressa em latim e publicada em 1535 sob o comando do rei Henrique VIII. Tornando-se uma das sete cópias restantes dessa época, o exemplar está atualmente guardado na Biblioteca Lambeth Palace, em Londres.

Na Bíblia de Lambeth do séc XII, há iluminuras de página inteira, bem como capitéis pintados sofisticados, encontrados no estilo românico. As miniaturas na Bíblia de Lambeth muitas vezes levantaram questões no passado, especialmente a respeito dos princípios de seleção. Frequentemente, os estudos se encontraram na conexão -

⁶ Imagem permite aos especialistas ler a sequência de letras no alfabeto grego PIPTOIE (acima) e EIPOI (abaixo). MOCELLA ET AL. NATURE COMMUNICATIONS.

⁷ Imagem retirada do site: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/20/internacional/1421773796_321009.html



bastante óbvia - entre algumas miniaturas de Bíblia e os mosaicos da Santa Platina em Palermo (HELLEMANS, 2009. p. 548).

Figura 06 - Bíblia de Lambeth.



Fonte: Pinterest⁸

A igreja católica está diretamente ligada aos manuscritos mais vistos e preservados, pois esta obteve o monopólio do conhecimento por muitos anos, suas dependências possuíam as maiores bibliotecas e os números de manuscritos eram muitas vezes incalculáveis. As igrejas se preservaram em um método de defesa ao excluir a população dos mais variados conhecimentos do mundo, sem conhecimento não há questionamento e assim sua herança cultural de restrições e verdades absolutas eram garantidas para o futuro. A igreja adotava o papel de centro do poder e seu monopólio educacional era a lei. “No período medieval os livros eram produzidos para a difusão da palavra de Deus, porém os clérigos eram os responsáveis por transmitir aos laicos seus conteúdos, eram eles os que manuseavam e produziam esses objetos no século XI” (GODOI; VISALLI, 2009, p. 01).

Um dos elementos contextuais que importa considerar é o fato de que os religiosos, espalhados por todo o continente europeu e parte do asiático, dominaram o verbo, as traduções, as interpretações e a disseminação daquilo que tornaria o medieval em um período de massivo domínio econômico e cultural. Não apenas, mas os cristãos, particularmente, criaram a necessidade de um estudo aprofundado de textos litúrgicos, das Escrituras e de escritos herdados da antiguidade greco-romana (ALVES; SALCEDO, 2017, p. 02).

Outros exemplos de manuscritos antigos que sobreviveram a ação do tempo e que chegaram em nossas épocas atuais nos revelam suas escritas antigas e suas crendices, agora é

⁸ Imagem retirada do site: <https://www.pinterest.es/pin/730286895803672279/>



apresentado o “Pentateuco” ou Torá (Bíblia Judaica). Na figura abaixo (fig. 07) temos um exemplo de um antigo manuscrito, que foi redescoberto por engano.

“O valioso pergaminho de pele de cordeiro foi catalogado de modo equivocado por um arquivista da biblioteca universitária em 1889, que acreditou que pertencia ao século XVII. Mas o professor de estudos hebraicos Mauro Perani constatou que o texto era anterior às normas de escrita da Torá adotadas no século XII” (TERRA NETWORKS BRASIL S.A., 2013, jornal online).

Figura 07 - “Pergaminho de pele de cordeiro pode ser o exemplar mais antigo da Torá conhecido.”

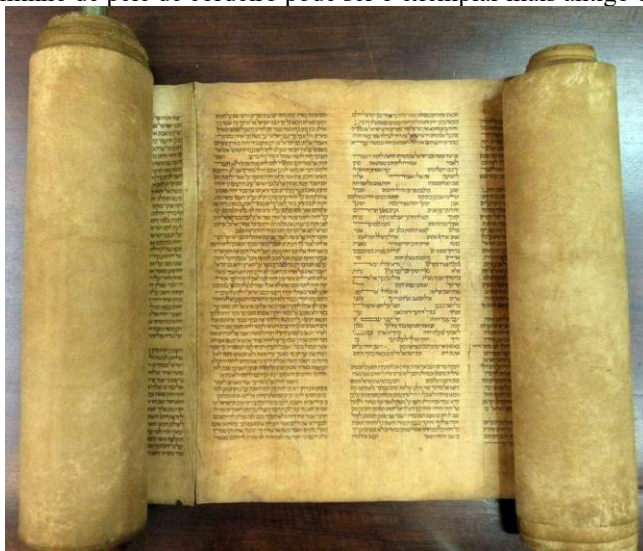


Foto:AFP.Site:<https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/encontrado-na-italia-manuscrito-da-tora-mais-antigo-do-mundo,8df8bfc217eee310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>

Segundo a matéria o documento possui letras e símbolos proibidos pelo erudito e filósofo judeu Moisés Maimônides no século XII, argumentando que ele seria mais antigo do que o século que haviam catalogado.

O manuscrito MS Add-1846⁹ é o manuscrito completo mais antigo do Pentateuco Samaritano, também chamado de Torá Samaritana. Este manuscrito é um dos mais importantes para a comunidade samaritana e está guardado na biblioteca da Universidade de Cambridge, Inglaterra. Existem outros manuscritos do Pentateuco Samaritano mais antigos que este, porém, encontram-se fragmentados e incompletos, como é o caso do Rolo de Abisha (contém o texto de Nm 35-Dt 34), que data do século XI (FRANCISCO, 2008, p. 411), bem como o manuscrito MS Bodley Or. 699, que contém o texto de Nm 10.29-Dt 23.26, datado de 1189, e que está na biblioteca da Universidade de Oxford, também na Inglaterra (DE MENDONÇA, 2020. p. 341).

Em mais este caso temos a nossa tecnologia avançando e oferecendo a oportunidade de entender heranças do passado, este documento valioso que é a Torá passou por vários testes antes de poder ser visto como algo de extrema valia, “o texto foi submetido a várias análises de carbono na Itália e Estados Unidos, que confirmaram que foi escrito entre o fim do século XII e o início do século XIII” (TERRA NETWORKS BRASIL S.A., 2013, jornal online sn).

⁹ MS Add-1846 - refere-se ao manuscrito Torá datado do séc. XII. Ou Pentateuco.



Com a tecnologia e o conhecimento é possível analisar estes manuscritos históricos, em que muitos estudiosos enxergam e entendem a preservação das memórias deixadas por séculos de experiências vividas, verificando que os manuscritos foram e são um meio real de documentar vidas.

2.2 Dos manuscritos aos livros (códices)

Os manuscritos são, como já foi visto, uma forma de transcrever e ou ilustrar manualmente, independente do suporte utilizado para tal feito. Como um resumo básico do que já foi citado: a definição básica para um manuscrito é a utilização simples da escrita manual sobre um papel. Com o tempo os manuscritos tiveram que ser definidos para que assim pudessem ser guardados de forma organizada para sua recuperação, sendo assim, foi necessário uma definição entre os materiais usados para a escrita dessas transcrições: inscrições em pedras e mármore são esculturas, em suportes como madeira, gravuras, deixando assim como manuscritos apenas materiais como pergaminho, papiro e atualmente o simples papel. A evolução dos manuscritos foi crescente por diversas razões, dentre elas uma forma de facilitar a vida humana e assim também a prolongação da vida útil desses registros, sua preservação era uma garantia de assim passar para as futuras gerações seus conhecimentos e cultura.

Na figura seguinte temos um exemplo de um códice feito e escrito em metal (fig.08).

Figura 08 - Códice de metal. Códices da Jordânia, datado em torno de 1.800 a 2.000 anos de idade.



Fonte: Site Terminologia Arquivística¹⁰

Dessa forma, os manuscritos teriam que ser práticos e fortes, no sentido de terem uma maior durabilidade, os manuscritos em formatos de rolos faziam parte da rotina dos cultos e

¹⁰ Imagem retirada do site: http://terminologiaarquivistica.blogspot.com/2011/05/codice_09.html



letrados, carregar um rolo de papiro ou pergaminho exigia força e destreza para ler e enrolar o manuscrito ao mesmo tempo.

Os leitores exerciam de grande agilidade e suas forças eram cobradas em leituras populares em praças, os leitores não podiam escrever ao mesmo tempo em que liam, quiçá comparar diferentes fragmentos do texto que estivessem em locais diferentes (ALVES; SALCEDO, 2017, p. 05).

A transição dos manuscritos em rolos para o formato tabular, os códices (formato atual dos livros, retangulares), foi feita entre os séculos II e IV gradualmente, seus materiais continuavam os mesmos, agora o tratamento do pergaminho era diferenciado, foi necessário uma mudança de formato, sendo utilizado na época o “bifólio”, uma folha dobrada em duas, respeitando o padrão do período que seria o tamanho de um quarto oitavo, ou “*quadratio*”, seu formato padronizado ajudava na venda dos pergaminhos que eram fabricados diretamente para estes fins, essas folhas juntas eram denominadas “*volumem*” e depois de costuradas, o produto final era chamado “*codex*” (códice).

A passagem do rolo para o códice ocorreu depois do início da era cristã, durante o Império Romano. Spalding (2011, p. 1) esclarece que essa transição se origina dos juristas, os quais “decidiram manusear o pergaminho de forma diferente, dobrando-o em quatro ou em oito”. A costura desses cadernos constituía-se construídos o que se chamava de códex (códice) (ALVES; SALCEDO, 2017, p. 05).

Com esse novo instrumento para a difusão das palavras da igreja católica, os manuscritos agora modificados levaram a prática da leitura silenciosa, as leituras em público tinham mais visibilidade, porém com a facilidade do manuseio e também o ato de poder parar e marcar onde se está lendo, ou até mesmo voltar e fazer observações a leitura individual agora era disseminada para aqueles que podiam ler.

Eco simboliza essa passagem da leitura em voz alta para a leitura silenciosa no espanto de Agostinho: “a leitura, até santo Ambrósio, era feita em voz alta. Foi ele o primeiro a começar a ler sem pronunciar as palavras, o que mergulhará santo Agostinho em abismos de perplexidade” (2010, p. 73, *apud* SPALDING, 2012, p. 30).

A mudança estava lançada, agora os manuscritos eram manuseados com maior facilidade e a escrita dos mesmos foi favorecida conforme o tempo se passou. Esse novo modo de leitura tornou-se uma grande revolução, tão grande quanto a criação da imprensa na era de Gutenberg.

A página surgiu como unidade de percepção e os leitores se tornaram capazes de folhear um texto claramente articulado, que logo passou a incluir palavras diferenciadas (isto é, palavras separadas por espaços), parágrafos e capítulos, além de sumários, índices e outros auxílios à leitura” (DARNTON, 2010, p.40).



Outro exemplo de um manuscrito importante que foi recuperado é mais conhecido como a Bíblia do Diabo, o Codex de Gigas (a palavra Gigas significa gigante em latim) é um manuscrito de proporções gigantes (na fig. 10 é mostrada uma ideia da dimensão desta obra), seu formato e materiais usados são algo de validade e ser citada, tudo indica que o Mosteiro Beneditino Podlažice, na República Tcheca, seja a origem deste manuscrito. Foi observado durante a pesquisa que muitos estudiosos desconfiam da localidade exata de sua criação, já que o mosteiro citado era deveras simples e de poucas finanças para ser desenvolvida obra de tamanha responsabilidade. Sua história cheia de mitos e mistérios, com a certeza ilusória de adorações demoníacas, muitos nutrem um certo medo de um manuscrito feito para agregar informações consideradas importantes para seu autor, todavia seu legado como espelho social de sua época é impressionante e a preservação de seu conteúdo gerou pesquisas para muitos anos.

As histórias que rodeiam este manuscrito começam a ser aterrorizantes logo em seu momento de escrita, já que o mito começa com um monge decidido a escrever tudo o que conhecia em apenas uma noite e ao se ver sem condições de manter sua promessa, ele começa a rezar ao Demônio para que lhe dê forças, os monges de todo o monastério foram amaldiçoados e como punição todos foram emparedados vivos, e assim se gerou o mito de que o manuscrito foi escrito pelo próprio demônio através de um dos monges. Claro que o mito pode ser desmentido graças a tecnologia, que revela que o manuscrito levou cerca de 05 anos para ser escrito, e o inacreditável é que tudo indica que realmente foi apenas uma pessoa a escrevê-lo, o livro é assinado pelo monge Herman Inclusus.

O Codex Gigas é um manuscrito do século XIII originário da Boêmia. "Códice Gigas" significa "livro gigante". O artefato é considerado o maior manuscrito sobrevivente da Idade Média. Foi escrito entre 1204 e 1230, mede 89 por 49 centímetros, pesa 75 quilogramas e contém 310 páginas de pergaminho de dupla face escritas em Latim (LOYD, 2020, p. 59).

Figura 09 - O Codex Giga, ou 'Bíblia do Diabo'



Foto:Wikipédia¹¹

¹¹ Imagem retirada do site: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/misterio-sobre-autor-da-biblia-do-diabo-gera-polemica,f63d353774275f2363de8a163a8c78b6x3irRCRD.html>



A grandiosidade desta obra manuscrita nos possibilita entender um pouco sobre a política, bem como tratados sobre medicina da época. No códex Gigas pode-se ler textos bíblicos da igreja católica, temos também iluminuras, assim como a ilustração de um ser bestial que ocupa uma página completa (ilustração mostrada na fig. 09).

Considerado uma tentativa de registrar todo o conhecimento do mundo em um único texto, o Codex Gigas inclui: o Antigo e o Novo Testamento da Bíblia; Etymologiae de Santo Isidoro de Sevilha, a enciclopédia mais popular da Idade Média; duas obras do historiador Josefo Flavius; Ars Medicinae (a arte da medicina), uma compilação de textos médicos medievais, encantamentos e fórmulas mágicas; e a Chronica Boëmorum (Crônica da Boêmia), escrito pelo padre e historiador Cosmas de Praga no século XII. O Codex Gigas também continha a Regra de São Benedito, que foi escrita na década de 500, descrevendo regras e expectativas para a vida monástica. Este texto em particular foi cortado do manuscrito em um tempo indeterminado (LOYD, 2020, p. 59).

Figura 10 - Uma réplica de tamanho real do Codex Gigas (página 577)



Fonte: Atlas Obscura¹²

O códex Gigas não foi uma rara e isolada tentativa de conter todos os conhecimentos do mundo em apenas um local, afinal desde grandiosas construções como a biblioteca de Alexandria, até mesmo em sistemas de bancos de dados da atualidade, todos tentamos armazenar e preservar as mais variadas informações da sociedade para o futuro.

2.3 Era pós Gutenberg

Conforme os tempos se passaram os manuscritos se tornaram mais esclarecidos a sua população, ou seja, mais pessoas estavam se alfabetizando e assim podendo entendê-los por capacidade própria. Isso foi uma revolução enorme, cada qual com seu motivo pessoal para

¹² Imagem retirada do site: <https://www.atlasobscura.com/places/codex-gigas-the-devil-s-bible>



agregar conhecimento em suas vidas, as pessoas queriam saber mais sobre o que havia em livros, o que não lhe diziam as igrejas, a necessidade de novos cidadãos cultos para agregar mais consumidores em todos os tipos de estabelecimentos, os motivos eram muitos e assim surgiu a primeira prensa para a fabricação de livros e folhetins (exemplo de prensa fig. 11). O inventor responsável por esse feito foi Johann Gutenberg, no século XV, ele proporcionou que a chegada de informações fosse feita de maneira mais rápida e assim alcançasse um maior número de pessoas.

Robert Darnton (2010) já identifica quatro mudanças fundamentais na tecnologia da informação desde que os humanos aprenderam a falar: a invenção da escrita, a substituição dos rolos de pergaminho pelo códice, a invenção da imprensa com tipos móveis e, finalmente, a comunicação eletrônica (SPALDING, 2012, p.25).

Figura 11 - Prensa de madeira para impressão.



Fonte: Deutsche Welle¹³

O que aconteceu com os manuscritos, após essa era de maiores tiragens de papel e assim a facilitada escrita e propagação de conhecimento, foi a sua evolução. Em alguns textos a era pós Gutenberg significa:

[...]para além do primado do texto escrito sobre o imagético, uma certa rigidez mecânica da marcha do texto impresso onde a liberdade criativa dos antigos documentos manuscritos se foi perdendo e onde nos habituamos a equacionar as questões tipográficas de corpo, espaçamento, condensação e entrelinhamento com as de legibilidade (MATIAS; LIMA; GÓIS. 2011. p.02).

A evolução dos manuscritos aos Códices (formato atual da maioria dos livros, retangular), transformou sua utilidade, agora com maiores tiragens para um número de maior de cidadãos letrados, o códex foi sendo modificado aos poucos, começando com todos os adornos e letras artísticas que foram deixadas de lado, pois a impressão feita não incluía

¹³ Imagem retirada do site: <https://www.dw.com/pt-br/museu-gutenberg-reconstr%C3%B3i-hist%C3%B3ria-da-tipografia/a-16747104>



imagens para a circulação em massa, livros ornamentados eram caros e de difícil acesso para a grande população. Assim desenhos como as miniaturas tão vistas em manuscritos foram ainda comuns por aproximadamente mais um século pós Gutenberg, sendo que muitos livros ainda levavam espaços em branco destinados as ilustrações, os que pagavam para continuar com essa arte pagavam caro aos artistas.

Os miniaturistas deveriam completar à mão de obra, acrescentando, nesses espaços, as iniciais e colocando gregas, orlas ou alguma outra decoração nas margens. O fato de que muitos desses trabalhos suplementares ficaram por fazer não deve ser atribuído a simples esquecimento; é o início da decadência da arte da iluminura e de seu inevitável desaparecimento, uma vez assegurada a vitória da imprensa (MATIAS; LIMA; GÓIS, 2011, p. 07).

A inovação dos livros e sua nova forma mais simples de conservação proporcionada através da encadernação, facilitou o transporte desse material, sua vida útil e assim seu manuseio a lugares diversos. A encadernação feita na idade média era um trabalho exercido pelos monges ainda em mosteiros, sendo uma passagem natural do rolo para o códice posteriormente, assim aumentavam a vida útil do manuscrito, sendo de início exclusivamente para sua proteção.

O inventor Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg, não apenas criou a facilitação da impressão e circulação dos livros, o desenvolvimento da impressão tipográfica agora com letras móveis possibilitou uma verdadeira revolução do conhecimento que envolvia as ciências, economia e cultura. Sua obra-prima foi a famosa Bíblia de Gutenberg (fig. 12) que leva o nome de seu criador, esta bíblia está entre os livros mais valiosos e importantes do mundo, graças a sua beleza e histórico, pois ela marca um grande ponto na história da humanidade, como a primeira bíblia impressa tipograficamente no mundo.

Figura 12 - A Bíblia de Gutenberg



Fonte: Museum Gutenberg¹⁴

¹⁴ Imagem retirada do site: <https://www.mainz.de/microsite/gutenberg-museum-en/rubrik4-11/bereich1.php>



Gutenberg criou a obra épica em dois volumes com 1.282 páginas entre os anos 1452 e 1455 com a ajuda de muitos ajudantes. Das cerca de 180 cópias de sua tiragem original, presume-se que 150 foram impressas em papel e 30 em pergaminho precioso. Após os experimentos iniciais com rubricas, apenas o texto foi impresso. Cada comprador contratou individualmente artesãos especializados, os rubricadores e iluminadores, para criar a decoração colorida e a capa. É por isso que cada cópia da Bíblia de Gutenberg é única. (Museum Gutenberg¹⁵)

Com a impressão da sua primeira bíblia, Gutenberg lançou-se um padrão a ser seguido nos anos seguintes, suas primeiras tiragens eram da qualidade estética dos primeiros livros manuscritos comuns em circulação, posteriormente foi mudando os formatos e qualidades de papéis disponíveis.

Após a disseminação de notícias escritas manualmente por comerciantes já no século 16, Johann Carolus de Estrasburgo produziu o primeiro jornal impresso em 1605. Em 1650, o primeiro jornal diário impresso do mundo apareceu em Leipzig, tornando os eventos políticos acessíveis a camadas mais amplas da população (Museum Gutenberg¹⁶).

A evolução já havia começado, agora estava aberto o caminho para a circulação dos jornais impressos, e assim também, maior disseminação da informação.

¹⁵ Citação retirada do site do Museu de Gutenberg: <<https://www.mainz.de/microsite/gutenberg-museum-en/rubrik4-11/bereich1.php>> Título: “Obra-prima de Gutenberg”.

¹⁶ Citação retirada do site do Museu de Gutenberg: <<https://www.mainz.de/microsite/gutenberg-museum-en/rubrik4-11/pressehistorische-sammlung.php>> Título: “Coleção de história da imprensa”.



Capítulo III.

Manuscritos: Sua memória social e cultural

***É preciso reconhecer o mundo como
um grande livro.
(ECO, 2003, p. 31)***



3.1 Os processos sociais de construção da memória: manuscritos e sua representação social

Uma obra literária carrega vestígios variados de presenças de passados antigos inseridos no texto pela inspiração poética e criativa daquele que escreve. Esses vestígios fomentam traços que manifestam sinais de tensões temporais, as quais, por sua vez, apresentam a forma como o passado era sentido e vivenciado pela sociedade que inspirava e respirava tais conexões desconexas e descontínuas. É uma experiência de tempos (COSTA, 2019, p. 19).

Com a representação social dos manuscritos podemos entender o elitismo caracterizado presente na história da época. Para entendermos o elitismo de épocas antigas em relação ao conhecimento, temos alguns exemplos de como a sociedade na idade média tinha sua hierarquia. Quem detinha os conhecimentos mais importantes eram a igreja e a nobreza, sendo que grande parte da população, podendo assim dizer sua maioria, foi analfabeta por muitos séculos, a igreja em si era a grande portadora da sabedoria dada por Deus, sendo sua porta-voz direta, “desde os séculos IX, toda abadia ou monastério possuíam um *scriptorium*, lugar onde eram copiados, decorados e encadernados os manuscritos” (MATIAS; LIMA; GÓIS, 2011, p. 11) (na fig. 13 é ilustrado um exemplo de *scriptorium*) . Em outro patamar na hierarquia do conhecimento estavam os professores e uma parte da burguesia, sendo que a circulação maior de manuscritos eram de responsabilidade dos educadores que ensinavam os filhos da nobreza, sendo que a população em geral tinha que confiar no que aqueles que sabiam ler lhes diziam, e mesmo sabendo que nesse meio haviam os que gostariam de ler e escrever, muitos não se preocupavam em aprender pois saber ler tinha que ter utilidade, e se não se trabalha com isso, logo não havia serventia. Assim o foco dos mais pobres sempre foi sobreviver mais um dia e ter o que comer, deixando para aqueles que “tinham tempo” o papel de estudar e ditar a regras.

A importância social que os manuscritos representam de suas épocas variam de acordo com o material abordado, obviamente cada manuscrito detém um tipo de conhecimento e representa algo temporal. Para a igreja, “a cópia de manuscritos, nos monastérios da Idade Média, estava incluída entre os principais deveres dos monges, pois era considerado um exercício espiritual, utilizado para aprimorar suas virtudes e realçar seus merecimentos sobrenaturais” (MATIAS; LIMA; GÓIS, 2011, p. 02).

Segundo Frohmann (2008), o conceito de materialidade é muito importante pois liga duas áreas conceituais: informação, por um lado, e práticas públicas e sociais por outro. Para ele, se normalmente os documentos nomeiam a materialidade da informação e se esta é importante, então os estudos de documentação são importantes para os de



informação. Assim, a documentação torna-se a materialização da informação (FROHMANN, 2008 *apud* ARAUJO, 2015, p. 25).

Figura 13 - Fontes Paleográficas Para Antigos Gregos.



Fonte: Guindo¹⁷

Como já citado no capítulo anterior, um grande exemplo da importância do manuscrito como busca por perpetuar o conhecimento foi o exemplo do “Codex Giga” ou “Bíblia do Diabo”, o manuscrito que tinha como finalidade guardar todo o conhecimento existente escrito por um homem num único lugar. Esse tipo de processo de construção da memória, em que se busca organizar e detalhar um determinado conhecimento para que gerações futuras tenham a oportunidade de ler e aprender com os exemplos deixados é algo já visto antes na história da humanidade. Como maior exemplo de perseverança, ganância, visionaríssimo em seu modo de pensar e assim seu triste fim, foi a grande e inesquecível Biblioteca de Alexandria.

3.2 Como eram vistos os manuscritos em suas épocas?

Após a realização de diversas pesquisas, se é possível entender um pouco do sistema social envolto nas civilizações dos manuscritos, entendemos que a função destes, vão além da percepção de algo “deixado do passado”. A preciosidade de manuscritos antigos é algo incalculável, visto de ângulos artísticos, ângulos informacionais, arqueológicos e o fato de parte da história, estar sendo resgatada por esse meio.

Os documentos manuscritos e impressos armazenados em bibliotecas, arquivos e museus contribuem para o resgate e a produção de memórias perdidas em papéis nem sempre conservados, trazendo ao conhecimento público fragmentos de informações corroídas pelo tempo. Assim, dificulta-se a montagem de um corpus

¹⁷ Imagem retirada do site: <http://guindo.pntic.mec.es/jmag0042/palegreek.html>



textual sobre o conjunto de práticas e saberes construídos por homens e mulheres do passado. Nesse sentido, diz Nora (1993) que é necessário criar e conservar arquivos, assim como comemorar aniversários, preservar monumentos, santuários e demais lugares onde se ancora e se exprime a memória coletiva. Com isso, possibilita-se o rompimento com as determinações do tempo e do espaço, como afirma Halbwachs (1990) (CASTRO, 2006, p. 10).

Na figura abaixo (fig. 14) temos um exemplo de manuscrito com escrituras sobre botânica, com detalhamento da planta e observações, a variedade de assuntos cotidianos em escrituras manuscritas era diversa.

Figura 14 - Cadernos do botânico Francisco Freire Alemão¹⁸.



Fonte: Biblioteca Nacional¹⁹

Em sua pesquisa *“Ilustração e devoção: Estudo sobre iluminura Mariana no Lecionário de Reims”* as autoras GODOI e VISALLI nos mostram um pouco da visão da sociedade interpretada no manuscrito que foi feito na catedral de Reims com foco na interpretação da imagem de Maria que foi pintada neste manuscrito no verso do folio 109.

A leitura na Idade Média teve um espaço muito mais voltado para a oralidade (ZUMTHOR, 1993) e em muitos casos esses livros de Horas eram feitos para pessoas que não tinham domínio da leitura; assim, as rezas eram memorizadas e o livro passava mais por um instrumento ritual do que propriamente uma ferramenta para a leitura (GODOY, 2014, p. 80).

A maioria dos registros manuscritos são de conteúdos religiosos (exemplo de imagem cristã, fig. 15), nos mostrando como sua sociedade era baseada nas leis cristãs, a devoção não

¹⁸ Os cadernos do botânico Francisco Freire Alemão, contendo desenhos e anotações, são preciosos para o estudo da flora brasileira.

¹⁹ Imagem retirada do site: <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/manuscritos>.



era apenas sinônimo de fé, mas também de caráter e de felicidade, uma pessoa sem Deus não poderia ser boa ou feliz.

Não nos esqueçamos que a imagem tem profundo apelo religioso, foi produzida em um ambiente clerical para permanecer neste ambiente, seus espectadores, seus leitores, entram os clérigos, a sua aplicação se deu neste meio que sabia ler o seu texto e compreender suas imagens. Sendo assim, são evidências que possibilitam aos historiadores uma melhor perspectiva na análise estrutural do pensamento e da representação dessa categoria social (GODOI; VISALLI, 2009, p. 03).

Figura 15 - Virgem com o menino. Ms 0510, fólio 146.



Fonte: “A Virgem Maria e os livros de Reims: iluminuras medievais” (GODOY, 2014, p. 76).

A pesquisa sobre o manuscrito de Reims pode mostrar um pouco e ajuda a compreender como é perceptível o ambiente devocional em que se encontravam e que o uso da imagem era entendido como um elemento estratégico para chegar até os cidadãos não letrados, reforçando assim os conceitos de submissão perante a igreja tão dotada de conhecimento, e ajudando a ilustrar um céu prometido, ou até mesmo os castigos que aguardam os que não seguissem os mandamentos religiosos. “O poder institucionalizado restringia duramente o acesso das pessoas mundanas, em grande número iletradas, aos manuscritos e aos ambientes em que estavam guardados” (ALVES; SALCEDO, 2017, p. 03). Consequente, os manuscritos eram um meio de disseminar nas grandes elites as sabedorias espirituais, mas também alguns manuscritos encontrados em sua posterioridade, são grandes e preciosos testemunhos em material preservado da identidade cultural.

Dois tipos de escritos eram absolutamente proibidos: propostas científicas ou filosóficas que desconsiderassem o princípio primeiro divino e qualquer escrito que profanasse as Escrituras ou a visão de mundo cristã. Considerava-se que a leitura da Bíblia era capaz de atender todas as necessidades humanas (ALVES; SALCEDO, 2017, p. 03).



O manuscrito “*Guarnição do Rio de Janeiro com seus uniformes e mapas do número de homens dos regimentos pagos e dos auxiliares*” escrito por José Corrêa Rangel de Bulhões em 1786, é um bom exemplo de diversidade de conteúdos encontrados em manuscritos, neste, mostra registros detalhando uniformes regimentais da época (fig. 16), algumas tabelas com dados estatísticos dos armamentos, de ferramentas e inclusive com dados dos postos de militares.

Figura 16 - Uniformes Militares do Rio de Janeiro Colonial p.129.



FBN I Acervo – Fonte: Blog da Biblioteca Nacional²⁰

A Divisão de Manuscritos da BN²¹ disponibiliza para consulta online um livro manuscrito por José Corrêa Rangel de Bulhões denominado “*Guarnição do Rio de Janeiro com seus uniformes e mapas do número de homens dos regimentos pagos e dos auxiliares*”. O volume tem a data de 1786, embora algumas tabelas em seu interior sejam datadas de até três anos mais tarde, e informa que o autor era “ajudante de infantaria com exercício de engenheiro” (BLOG DA BIBLIOTECA NACIONAL, 2016, sn.).

Este manuscrito traz em sua preservação um pouco dos registros oficiais de trabalhos militares, mas também revela em suas páginas estudos da sociedade da época, de forma valiosa a informação detalhada de seus espelhos sociais. No site da Biblioteca Nacional lê-se: “Ao

²⁰ Imagem retirada do site: <https://blogdabn.wordpress.com/2016/06/15/fbn-i-acervo-uniformes-militares-do-rio-de-janeiro-colonial/>

²¹ Biblioteca Nacional



mesmo tempo, fornece questões para reflexão e discussão ao descortinar a existência de um “terço auxiliar de pardos libertos” e um “terço dos pretos forros”, o que torna patente a organização dos regimentos segundo critérios raciais” (FBN, 2016, sn).

3.3 Preservação e conservação de manuscritos: a Biblioteca como guardiã do conhecimento

Os manuscritos assim como os livros e outros suportes desenvolvidos com a mesma finalidade foram produzidos para alavancar a distribuição da informação, da linguagem e da sociedade.

Figura 17 - Manuscritos em códices



FOTO: Reprodução/iStock.com e Getty Images²²

Na idade média a igreja católica e os palácios, que detinham o maior número de manuscritos em seus acervos, faziam o papel das bibliotecas que temos como referência na atualidade, existiam também as bibliotecas privadas, cujos donos eram intelectuais que trabalhavam com o conhecimento ou a elite privilegiada que mantinham acervos para concretizar sua imagem de provedores do saber. Em todos os casos os manuscritos faziam parte dessas coleções protegidas por bibliófilos, seja apenas como um adorno, no caso dos raros e magníficos manuscritos iluminados com pedras preciosas, etc., tidos para expor, para mostrar às visitas o seu nível intelectual, e em outros casos como uma forma de acolher todo o conhecimento possível dentro de sua residência.

pode-se definir as bibliotecas como um lugar de memória e de preservação do patrimônio documental, considerando-a “como um espaço dinâmico e vivo tendo como uma das tarefas fundamentais colecionar, proteger, inventariar e, finalmente, tornar acessível a herança da cultura escrita”.³ Isso pode ser aferido, através de muitos séculos, onde os documentos bibliográficos, arquivísticos costumavam ser reunidos em palácios, igrejas e bibliotecas, das quais temos o exemplo da Biblioteca de Alexandrina. Portanto, “até o século XV aproximadamente, esse patrimônio intelectual reunia com

²² Imagem retirada do site: <https://www.altoastral.com.br/idade-media-livros/>



ele os seus guardiões, organizadores e compiladores” (CAMARGO, 1999 *apud* ANDRADE, 2007, p. 18).

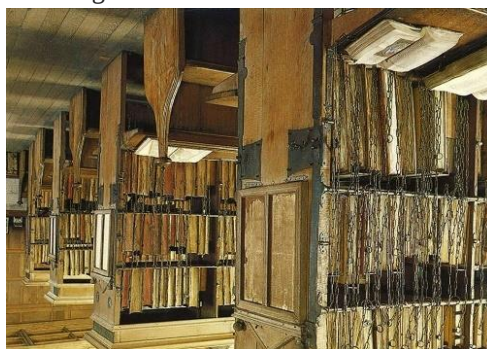
As bibliotecas na idade média tinham de diferentes formas uma função primordial, a preservação e a conservação do saber, todavia quem tinha acesso a essa restrita área de conhecimento eram os frequentadores da corte e os aprendizes da realeza, juntamente com os padres, monges e copistas e bibliotecários que trabalhavam com essas obras. Assim a igreja mantinha um acesso restrito aos saberes, deixando apenas quem era “digno” utilizar dos manuscritos e seus conteúdos. Os acervos dessas bibliotecas eram formados por diversos títulos e assuntos, mais focados em literaturas, poesias e também de assuntos públicos das cidades, bem como os pensadores da época, que sempre registravam suas descobertas e pensamentos, assim muitos de seus títulos eram adquiridos através de doações e de cópias a próprio punho (trabalho dos copistas).

Segundo Roger Chartier 6, as bibliotecas reais constituíam-se de coleções adquiridas de diversas formas: pela reunião das bibliotecas dos membros da Família real; pelos confiscos operados às expedições militares vitoriosas; pela obrigação do depósito de exemplares pedido aos livreiros e impressores; por doações; pela aquisição de obras particulares compradas no exterior por viajantes, diplomatas (ANDRADE, 2007, 18).

Depois que a igreja católica diminuiu sua censura mediante os livros, a população (aqueles que sabiam ler) começou a poder fazer uso desses materiais, não era frequente ver pessoas humildes nesses locais e os livros eram tidos como material de grande valor.

Muitos mosteiros na transição do tempo viraram bibliotecas, - que ainda na atualidade existem - e um dos métodos de preservar o livro e mantê-lo em seu local (para não o perder dentre tantos outros e nem haver roubos), era acorrentar os livros em suas prateleiras, não dando chance para mudá-los de local (fig. 18). A corrente está ligada em uma extremidade à capa de cada livro, e a outra, em uma haste na prateleira.

Figura 18 - Livros acorrentados.²³



Fonte: Blog blog Meu²⁴

²³ Biblioteca acorrentada da Catedral de Hereford do séc. XVII, Inglaterra. “A maior parte dos volumes da coleção data de aquisições feitas no século XI, embora o manuscrito, iluminado, mais antigo seja o “Hereford Gospels”, datado do século VIII” (ZANZINI, 2020, sn).

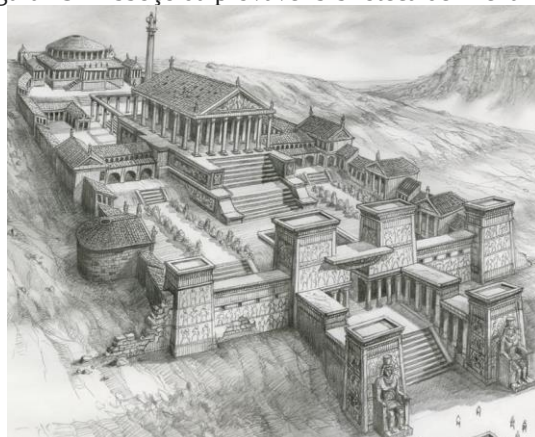
²⁴ Imagem retirada do site: <http://blogblogmeu.com.br/a-biblioteca-dos-livros-acorrentados/>



Houve assim na história uma notável biblioteca, que quebrou padrões e entrou para a memória, sendo lembrada por muitos séculos. A Biblioteca de Alexandria (imagem ilustrativa na fig. 19), situada na cidade de Alexandria, no Egito, fundada em 331 a.C., foi um grande monumento feito sob idealização do Rei Alexandre Magno (Alexandre III) que já havia falecido, o monumento foi construído por Ptolomeu II seguindo os passos de Alexandre, o qual idealizou um futuro grande e próspero para sua cidade e população, ele era reconhecido como um líder visionário e sábio, assim Alexandre Magno ficou conhecido como “Alexandre, O Grande”.

Ter Aristóteles como tutor o transformara em um intelectual e em um homem de ação, preocupado tanto com a arte e ciência quanto com guerra e política. Por ser um homem de visão, ele teria sentido que a cidade projetada por Deinócrates atrairia inevitavelmente não só comerciantes ricos, mas também eminentes estudiosos, artistas e homens da ciência (FLOWER, 2019, sn).

Figura 19 - Esboço da provável biblioteca de Alexandria



Fonte: CRB8²⁵

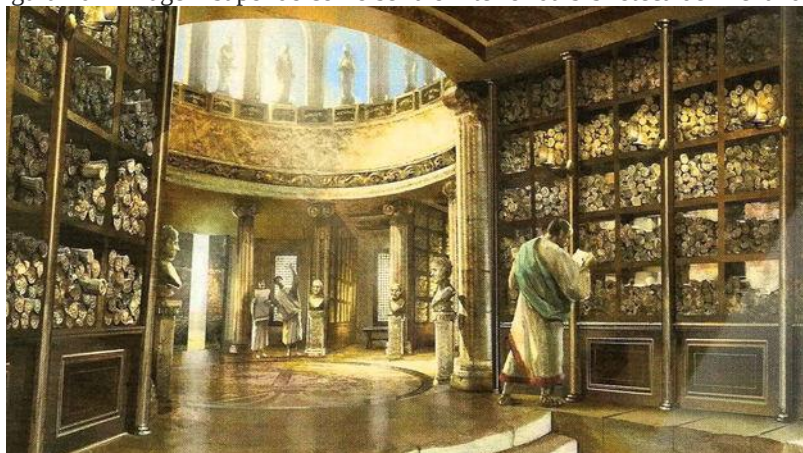
A grandiosa biblioteca de Alexandria era um templo do saber, sua arquitetura contemplava grandes salas de estudos, locais mais arejados para ser guardados os manuscritos que eram muitos ainda no formato de rolo. Ela foi criada como uma segunda biblioteca para guardar os manuscritos de Ptolomeu II, e depois seus antecessores foram deixando-a maior e assim conseguindo mais manuscritos, como Alexandria era uma rota de mercado era fácil obter cópias e até mesmo os originais dos manuscritos que comerciantes e intelectuais viajantes possuíam.

Apaixonado colecionador de livros, Ptolomeu II Filadelfo adquiriu todos os papíros e rolos que podia conseguir, até mesmo bibliotecas inteiras, como a de Aristóteles, embora os historiadores tenham discutido durante séculos se realmente a obteve inteira. Assim, ao final de seu reinado de quase quarenta anos, os livros transbordavam da biblioteca para os escritórios e armazéns reais, por isso foi tomada a decisão de construir uma segunda biblioteca para abrigá-los todos (FLOWER, 2019, sn).

²⁵ Imagem retirada do site: <http://www.crb8.org.br/16236-2/>



Figura 20 – Imagem supondo como seria o interior da biblioteca de Alexandria



Fonte: Site Toda Matéria²⁶

Infelizmente esse centro de preservação do saber foi destruído em chamas antes de ser feito algum registro válido de seu ambiente arquitetônico e não houve preservação dos dados da quantidade de manuscritos perdidos no desastre. Muitas histórias contam como foi o fim do acúmulo da preservação do saber em Alexandria, como o fogo chegou em seus milhares de exemplares de manuscritos, todavia nenhuma das histórias possuem provas concretas para dizer exatamente o que houve (na fig. 21 podemos ver suas ruínas). A Biblioteca sendo a maior e mais grandiosa já construída naquela época tinha uma arquitetura que disponibilizava locais para estudos, além de jardins e um observatório, seu legado de maior centro do conhecimento sempre será perpetuado (imagem ilustrativa na fig. 20).

A princípio, sua estruturação é creditada à Demétrio de Falero, o qual se encontrava exilado naquela região. E assim, além do grande salão onde era armazenado os livros, havia 10 grandes laboratórios de pesquisas presentes na biblioteca de Alexandria. De modo que eram jardins botânicos, salas de estudo, observatórios astronômicos e até um zoológico com várias espécies trazidas de diversas partes do mundo antigo (ALVES, 2020, sn).

Figura 21 - Ruínas da Biblioteca de Alexandria



Fonte: CRB8²⁷

²⁶ Imagem retirada do site: <https://www.todamateria.com.br/biblioteca-de-alexandria/>

²⁷ Imagem retirada do site: <http://www.crb8.org.br/16236-2/>



Com a biblioteca de Alexandria podemos brevemente entender como é lidar com as diferentes culturas que existem. Todos os povos desejam crescer e assim preservar seus conhecimentos e culturas para a posterioridade, todavia ao se deparar com uma sociedade diferente da vivida, que segue regras distintas, o medo faz com que seja destruído tudo o que há de precioso e que pode ensinar e agregar conhecimento em outras vidas. Com a biblioteca de Alexandria não foi diferente, o acúmulo do saber destruído pela ignorância.

A biblioteca torna-se um projeto utópico quando se propõe a fazer existir num mesmo espaço todos os vestígios do pensamento humano. Podemos fazer um paralelo com a Biblioteca de Alexandria onde os soberanos queriam afirmar a primazia da língua e da cultura grega, dotando sua capital com a memória do mundo, uma cidade nova, uma cidade de colonos, de militares e aventureiros (BARATIN, 2000, p. 47).

Séculos depois, após a invenção de Gutenberg no século XV o crescimento dos exemplares de livros em circulação era muito maior do que anteriormente, tornando os livros mais baratos e assim maiores números de cidadãos podiam ter acesso a leitura, crescendo também o número de letrados. Houve grandes transformações sociais e culturais, pois alguns séculos mais tarde, por volta do séc XVII, surgem as primeiras bibliotecas públicas. Por biblioteca pública, eram entendidos espaços de leitura na qual muitas pessoas frequentavam, agora com a introdução da leitura silenciosa esses espaços ficaram destinados a fornecer obras que interessavam a muitos, como literatura em geral e livros que continham informações sobre os serviços públicos.

Assim, a partir da introdução da imprensa e do processo informacional que se acelerou no final do século XIX, com a presença de uma tecnologia que exigia novos procedimentos e novos produtos de trabalho, as bibliotecas buscaram acompanhar essas transformações e passaram a criar espaços diferenciados (centros de documentação, centros de memória e outros) que conquistaram progressiva eficiência, atendendo mais direta e rapidamente a seus usuários. As bibliotecas-depósito com acervos de livros raros, manuscritos acessíveis a uma elite de sábios e eruditos, abre espaço para as bibliotecas públicas⁸ destinadas a atender a comunidade em geral, disponibilizando o acesso ao seu acervo (ANDRADE, 2007, p. 19).

Graças a nossos antepassados podemos atualmente nos instruir com sua sabedoria, ter a liberdade e poder consultar em bibliotecas e acervos diversos materiais cujo conteúdo vem de anos e até mesmo séculos passados é poder beber diretamente da fonte do conhecimento. O trabalho de mediadores de conhecimento como bibliotecários, museólogos e arquivistas é um trabalho burocrático e minucioso, assim seus trabalhos relacionados à preservação de manuscritos tornam a utilização dos mesmos algo de extrema dificuldade, e não sem razão, manuscritos históricos são instrumentos frágeis e de valor inestimável, sendo que estes arquivos são diferenciados e possuem tratamentos exclusivos, sendo que há quem questione o tipo de



tratamento destinado a esses objetos, como a proibição de consulta em manuscritos que não possuem cópias para pesquisa.

Atualmente, mesmo diante de todo o avanço na produção e reprodução da informação e da diversidade de formatos, muitos textos (sobretudo os manuscritos oriundos de séculos passados) não podem ser consultados por pesquisadores, para que não venham a ser destruídos. Isto é tão mais verdadeiro quando se consideram aqueles que o tempo e o descaso dos governos brasileiros, em todas as suas esferas, têm historicamente relegado ao abandono. Esse veneno intencional dos governos, escondido em cada folha ou página que manuseamos, não causa a morte do pesquisador, mas sem dúvida contribui para aniquilar a memória nacional (CASTRO, 2006. p. 09).

As bibliotecas foram e são as maiores guardiãs do conhecimento que já existiu, o cargo de bibliotecário é uma função de muita responsabilidade, onde sua mediação entre a instituição e o usuário faz com que a disseminação do saber seja efetuada. Muitas instituições trazem em suas raízes as funções de preservar e conservar o conhecimento, como as bibliotecas, os museus e arquivos, e para essa pesquisa a função de guardião de algo tão poderoso como o conhecimento é destinada a trabalhadores que sabem da importância e da responsabilidade de sua função, e assim passam suas vidas a estudar o passado, para melhorar o presente e transformar o futuro, como escreve Souza (2018, p. 19) a história da humanidade pode ser descoberta e estudada em função dos vestígios deixados por nossos antepassados.



Capítulo IV.

Arte em Manuscritos: um olhar artístico

***No Livro existe um eterno hoje.
(ALVES; SALCEDO, 2017, p. 01)***



4.1 Tipos de ilustrações: Iluminuras e Miniaturas

A arte de ilustrações em manuscritos foi um método de duplo significado para a sociedade antiga, em primeiro lugar temos um método de armazenar imagens/memórias para o conhecimento, como ilustrar plantas, acontecimentos recentes, casas, paisagens e corpos, desde animais ou de humanos, muitos manuscritos ilustrados eram de pesquisas, armazenando conhecimentos de sua sociedade, estudos diversos para aprender e assim preservar essa sabedoria. Em segundo lugar as imagens tinham como finalidade ilustrar as palavras para aqueles que não poderiam ler, usando da imaginação para incluir a população menos abastada de conhecimentos ou até mesmo sem nenhum conhecimento litúrgico em momento sociais. As ilustrações em textos serviam em sua maioria para ajudar a população que em sua maioria era analfabeta, a entenderam os mandamentos de Deus, ilustrar o resultado de não seguir os mandamentos da igreja e suas consequências, a ilustração também se apresentava em vitrais de igrejas com a mesma finalidade, mostrar os passos de Cristo aos que não sabiam ler (exemplo de manuscrito iluminado na fig. 22).

Essa pesquisa focou em dois tipos de ornamentação de textos em manuscritos, seriam elas as iluminuras e as miniaturas.

Figura 22 - Iluminura “*Breviary de Belleville*”²⁸



Fonte: Blog: Letras, livros e afins²⁹

²⁸ Produzida em Paris entre 1323 e 1326 pelo artista Jean Pucelle.

²⁹ Imagem retirada do site: <http://letraslivroseafins.blogspot.com/2007/06/i-l-u-m-i-n-u-r-s-uma-iluminura-eram.html>



4.1.1 Iluminuras

A iluminura representa a arte de ilustrar, feita em manuscritos, teve seu auge no período medieval, ela normalmente é aplicada em textos nas letras capitulares dos códices, também faz parte das iluminuras os adornos em voltas de páginas completas, elas são uma forma de “iluminar” o texto escrito, essa técnica era feita com materiais como: ouro e prata, e também com tintas de cores vivas, as cores eram obtidas normalmente de insetos, plantas, minerais e até mesmo sangue. Os pigmentos feitos eram misturados com clara, gema de ovo e cera de abelha para deixá-los mais consistentes e com melhor fixação, um grande artista que usava dessa técnica de misturas de pigmentos com ovo, era Leonardo da Vinci (1452-1519), que pintou a famosa cena de “A Santa Ceia” na parede da igreja de “*Santa Maria delle Grazie*” em Milão na Itália, com esses materiais, o que dificultou muito a sua preservação.

Algumas tintas eram fáceis de obter, como a tinta branca, retira da cal ou de uma maneira mais difícil, das cinzas de ossos de pássaros, o verde se obtinha da malaquita ou até mesmo de folhas, o amarelo do açafrão, a tinta preta era facilmente encontrado nos carvões de madeiras queimadas ou terra preta, já o pigmento da cor azul era o mais difícil de ser encontrado e assim era muito apreciado pelos monges e pela nobreza, ela representava a pureza e excelência nas imagens, normalmente destinadas a grandes celebridades, pintar as vestimentas dos deuses e também a realeza mortal, essa cor podia ser extraída de sementes de uma planta, das pétalas de flores dessa cor ou do mineral azurita e também lápis-lazuli moídos, pigmentos extremamente caros e raros.

Empregava-se o minium normalmente para iniciais menores e em formas mais simples e planas, principalmente nos primeiros manuscritos. O melhor azul e o mais caro e raro era o azul de ultramar, feito a partir do lapis lazuli encontrado no Afeganistão, reservado para partes significantes da imagem, como o tradicional manto azul da Virgem. A sua aplicação, bem como a de metais como o ouro e a prata, denunciavam grande luxo. A utilização desses materiais usualmente era descrita no contrato. O emprego de cores intensas no vestuário e nas obras artísticas exprime riqueza e poder na Idade Média, devido à grande dificuldade de produção das cores vibrantes (ALMADA, 2006, p. 52).



Na imagem abaixo (fig. 23) podemos ver a predominância da cor azul onde se refere a figura divina no livro “A Divina Comédia” (Dante Alighieri).

Figura 23 - “Inferno” folio 3v³⁰.



Fonte: A Branco Almeida³¹

Os manuscritos iluminados foram adornados para serem obras de arte, dados em certos casos como presentes, muitos eram caros, sendo normalmente requeridos por burgueses. Em sua pesquisa Matias, Lima e Góis citam que sem a invenção do pergaminho a arte das iluminuras não teria se desenvolvido. A generalização desse novo suporte vai modificar completamente a arte de escrever e a arte de ler (2011, p. 08).

A iluminação é a arte que nos manuscritos alia a ilustração e a ornamentação, por meio de pinturas com cores vivas, ouro, prata, de letras iniciais, flores, folhagens, figuras e cenas, em combinações variadas, ocupando parte do espaço reservado ao texto e estendendo-se pelas margens, em barras ou molduras (GODOI; VISALLI, 2009, p. 01).

Como exemplo de grande importância de um manuscrito iluminado é apresentado o códice obra-prima do florentino Dante Alighieri (1265-1321), “A Divina Comédia” do século XIV que está na coleção da Biblioteca Riccardiana, em Florença na Itália (fig. 24). Este manuscrito foi copiado por Giovanni Boccaccio (1313–1375) que também ilustrou algumas folhas do manuscrito (figs. 25 e 26).

³⁰ BARTOLOMEO DI FRUOSINO - Inferno, da Divina Comédia de Dante (Folio 3v), 1430-35. Têmpera, ouro e prata em pergaminho, 365 x 265 mm | Biblioteca Nacional de París.

³¹ Imagem retirada do site: <https://abrancoalmeida.com/category/iluminuras-medievais/>



Figura 24 - “La divina commedia”

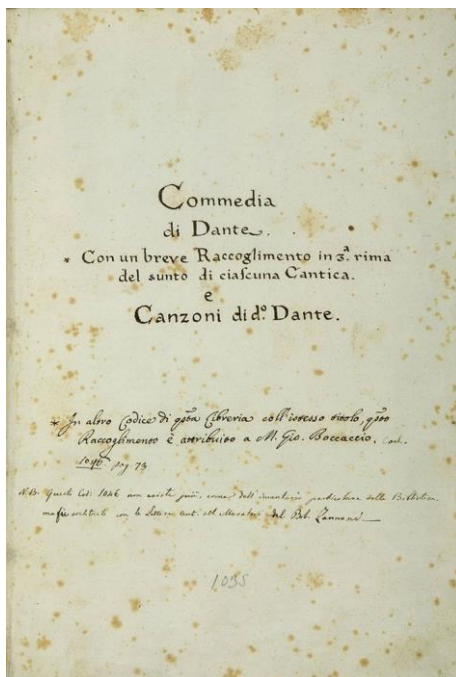


Imagem: Biblioteca Mundial Digital³²

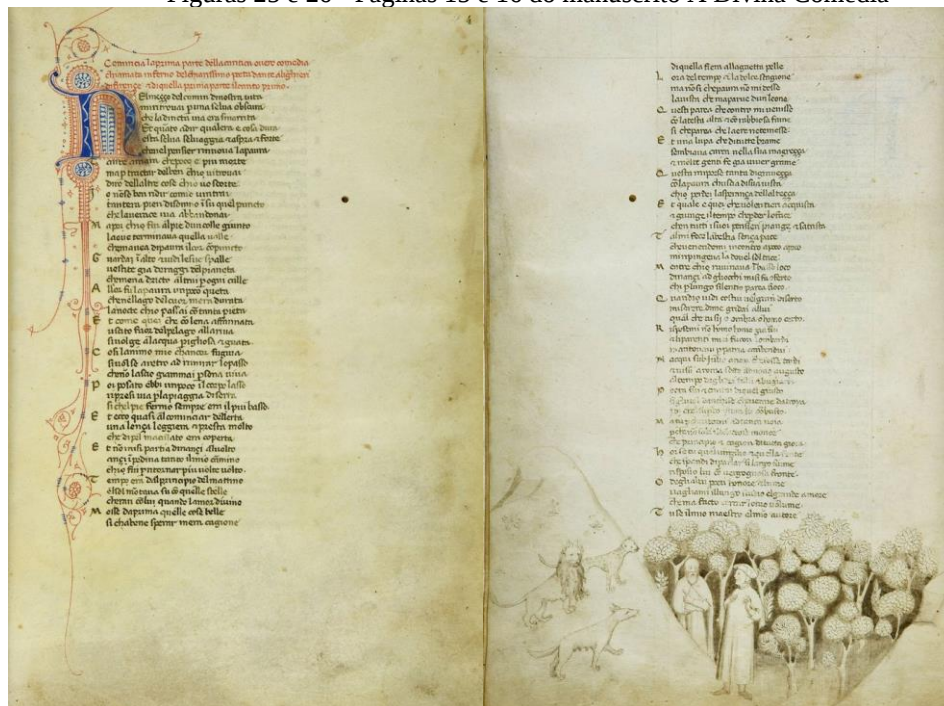
Na obra é observado que o autor se coloca como personagem protagonista e assim retratar sua sociedade nas 3 categorias descritas no manuscrito, o purgatório, o paraíso e o inferno. A obra A Divina Comédia é uma sátira à sociedade moralista, neste manuscrito podemos não somente ler sobre a preservação de memórias da época de uma forma fictícia, mas também imaginar vendo suas simples ilustrações. A obra vai além de sua época, a escrita fictícia dos acontecimentos, as descrições e os tormentos vividos pelos personagens são um julgamento de personalidades e caracteres.

Ela se trata de uma crítica à sociedade de Florença da época, sendo os principais alvos da feroz lábia do escritor a nobreza da região – incluindo aí príncipes e reis – e os membros do Clero, de modo que nem o Papa se salva do terrível inferno imaginado pelo autor (CAPPELLARI, 200, p. 195).

³² Imagem retirada do site: <https://www.wdl.org/pt/item/10650/view/1/7/>



Figuras 25 e 26 - Páginas 15 e 16 do manuscrito A Divina Comédia³³



Fonte: Biblioteca Mundial Digital³⁴

4.1.2 Miniaturas

As miniaturas seriam mais uma forma de decoração feita nos manuscritos, normalmente se referindo a uma cena ou uma paisagem, as miniaturas eram imagens com molduras, sejam elas delimitando um espaço ou não, muitas imagens ultrapassaram suas “molduras”. As miniaturas podem fazer parte da capa ou das páginas dos livros. Assim como as iluminuras os materiais usados eram os mesmos, esse tipo de arte exigia mais réguas e formas de delimitar a ilustração, sendo uma imagem mais arquitetônica.

No caso das miniaturas de manuscritos medievais ocidentais de que ora nos ocupamos, podemos chamar tal delimitação de borda (do francês *bordure*), que em geral tomava a forma de linhas, mais ou menos ornamentadas. É importante observar, no entanto, que não se tratava de uma característica obrigatória dessas miniaturas. A existência dessa borda se tornou mais comum nos últimos séculos medievais, mas, ainda assim, conviviam lado a lado diferentes formas de composição da página iluminada, com presença ou não de fundo pintado e de borda. Muitas vezes, essa borda poderia não ser explícita, mas sim delimitada pela escrita, pela inicial, pela tabulação ou pelas linhas da pauta (PEREIRA, 2012, p. 2).

As figuras dentro das miniaturas normalmente aparecem curvadas (principalmente com o pescoço) ou ajoelhadas/sentadas segurando manuscritos, espadas ou apontando para um

³³ Ilustrações de Giovanni Boccaccio.

³⁴ Imagem retirada do site: <https://www.wdl.org/pt/item/10650/view/1/15/>



ser mais importante, isso sugere um certo respeito a quem é de uma elevada classe social, do doador (alguém menos importante) ao seu receptor (classe alta), isso se refere também a imagens onde uma pessoa se sobrepõe a outra.

Se a borda honra e ao mesmo tempo organiza a imagem, seu franqueamento é apenas mais um de seus modos de operar. Ele pode ser utilizado para chamar a atenção para determinado objeto, ou para criar um determinado efeito estético – é importante frisar que não se trata de uma ação necessariamente iconográfica, mas também qualitativa, intensificadora, moduladora (PEREIRA, 2012, p. 06).

Como exemplo de obra com referências de miniaturas foi elegida a “Bíblia de Borso d’Este” (figs. 27 e 28), essa preciosidade representa uma grande elevação da arte miniaturista, ela foi encomendada pelo Borso d’Este (1413-1471) o primeiro duque de Ferrara na Itália, a data da conclusão deste trabalho vai de 1455 a 1461, vale lembrar que como já citado no primeiro capítulo, é por volta desse período que Johann Gutenberg está iniciando suas impressões em sua invenção de prensa e apenas alguns anos depois vindo a falecer. Esse manuscrito foi escolhido por diversos motivos, porém, o principal é ter uma ligação temporal com a invenção da imprensa, também elegida por sua minuciosa arte produzida neste manuscrito que é uma obra com grandes evoluções artísticas e históricas.

A Bíblia consiste em dois volumes de fôlio com mais de 1.000 iluminuras individuais. As folhas são ricamente iluminadas, com vinhetas pintadas que retratam cenas da Bíblia, eventos históricos, o brasão de Estense e vistas da natureza. O início de cada um dos livros da Bíblia é decorado com uma elaborada borda arquitetônica e designs ricamente coloridos. As iluminações são de uma equipe de artistas liderada por Taddeo Crivelli e Franco dei Russi, que também incluiu Girolamo da Cremona, Marco dell’Avogadro e Giorgio d’Alemaña. O texto foi escrito em uma bela caligrafia renascentista pelo escriba bolonhês Pietro Paolo Marone (WORLD DIGITAL LIBRARY, 2017, sn).

Figuras 27 e 28 - “Bíblia de Borso d’Este” Páginas 21 e 22



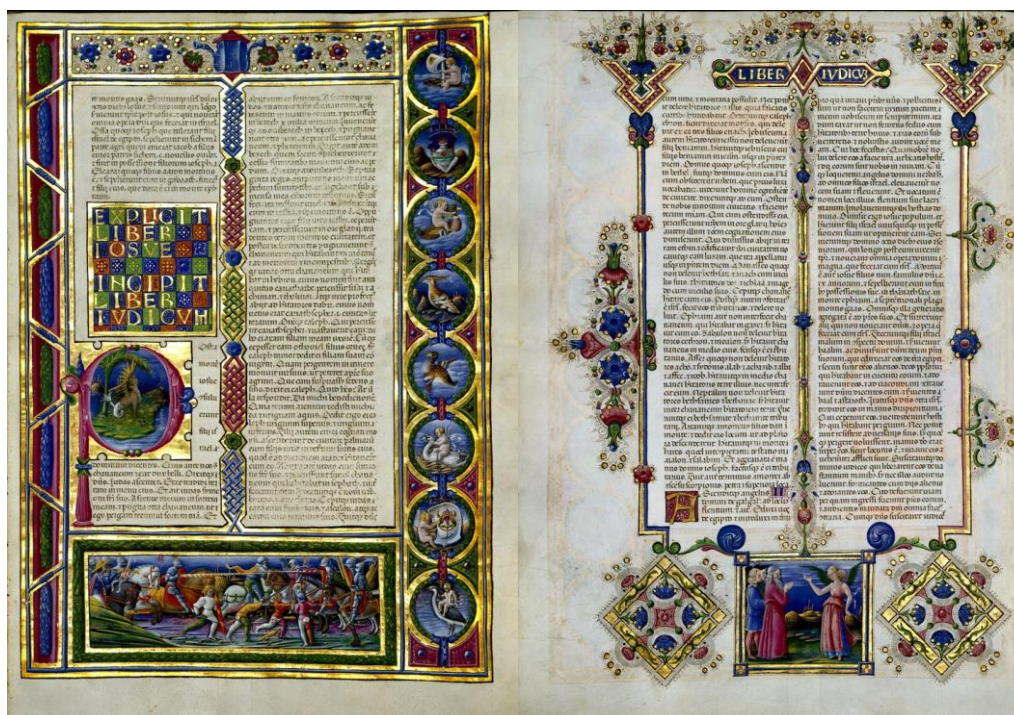
Fonte: Biblioteca Mundial Digital³⁵

³⁵ Imagem retirada do site: <https://www.wdl.org/en/item/9910/view/1/21/>



A arte das miniaturas é uma forma de enquadrar a informação, seja ela apenas de adorno ilustrativo ou dando informações do texto em questão.

Figuras 29 e 30 - “Bíblia de Borso d'Este” páginas 198 e 199.



Fonte: Biblioteca Mundial Digital³⁶

Os dois tipos de artes mostrados podem ser vistos num mesmo manuscrito, muitas miniaturas foram iluminadas para fazer a decoração de páginas, as ilustrações eram na maioria das vezes decoradas com arabescos, flores, ramagens, ou mesmo ilustrações de cenas em miniaturas (figs, 29 e 30). Muitos dos artistas que trabalhavam nessas obras, não são conhecidos por seus trabalhos, estes recebiam o pedido da arte e assim o faziam, sem deixar uma identificação óbvia de suas obras, porém alguns conseguem ser identificados. A maior parte dos manuscritos com iluminuras foram produzidos em abadias, conventos e mosteiros, como já citado anteriormente, esses eram os maiores produtores de manuscritos, sendo uma de suas funções a arte de copiar. Na fig. 31 temos uma amostra de uma miniatura iluminada.

Já a respeito das decorações, raramente eram mencionados os pintores, que podiam ser os próprios clérigos copistas ou artistas leigos. Isso possivelmente se deveu as grandes discussões teóricas a respeito de adoração de imagens, pois havia certo receio quanto ao real valor e função da imagem (GODOI; VISALLI, 2009, p. 02).

³⁶ Imagem retirada do site: <https://www.wdl.org/en/item/9910/view/1/21/>



Figura 31 - Exemplo de Miniatura Iluminada³⁷.



Fonte: Wikipédia³⁸

Desde o início dos tempos as cores e as formas artísticas são fontes de informações, passando pela arte rupestre até a chegada do papel, assim como a biblioteca é um templo de informações, criaram a escrita para guardar mensagens e também as ilustrações para guardar memórias.

4.2 Fore-Edge Painting

Alguns manuscritos antigos já em seus formatos de códices, foram vistos com grande interesse por parte de colecionadores e estudiosos, o motivo é a forma de adorno acrescentado nestes manuscritos, diferentemente das costumeiras iluminuras e miniaturas. A pintura secreta que é referida é denominada “*Fore-Edge Paintings*”, essa forma de ilustração se diversificou por ser “escondida” na lateral das folhas dos livros, sendo revelada com determinados movimentos e ângulos. Acredita-se que a história do “*Fore-Edge*” começa por volta do século X, mas sua disseminação mais frequente data por volta do século XVIII.

Duas formas de pintar se enquadram na categoria “*Fore-Edge*”, a primeira mais simples é a pintura com o livro fechado (fig. 34), assim os desenhos são vistos com facilidade em uma superfície chapada, a segunda forma mais preciosa é a pintura feita com as folhas do livro sob uma leve angulação, assim a imagem somente poderia ser vista quando o livro fosse

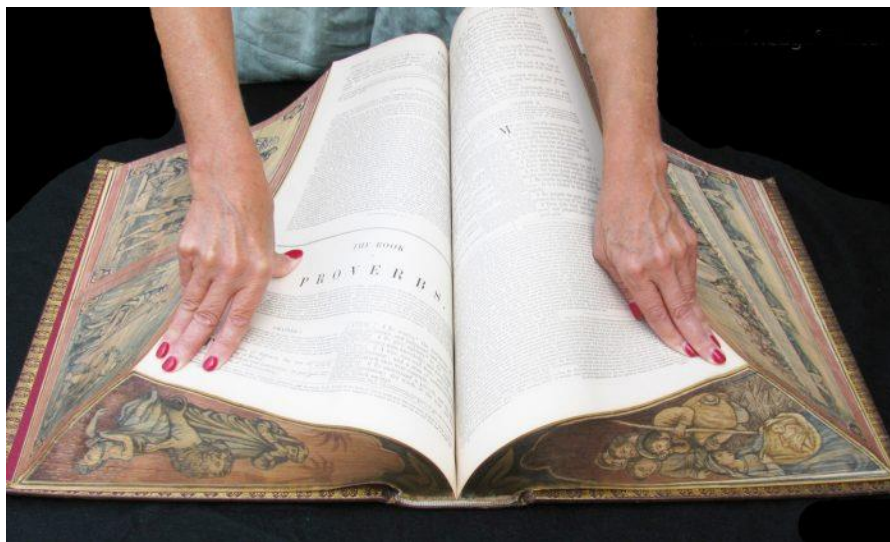
³⁷ Foto: Cristo em Majestade do Bestiário de Aberdeen (folio 4v).

³⁸ Imagem retirada do site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminura>



aberto com as folhas em determinado ângulo (ex. fig. 32), muitos artistas para ocultar ainda mais sua pintura secreta passavam uma camada de tinta dourada ou com a cor de mármore para “encobrir” sua arte, sendo vista apenas com o livro aberto. A habilidade e a técnica de aquarela utilizadas para a realização desse tipo de ilustração é algo de extrema dificuldade, sendo que livros com esse tipo de pintura foram considerados verdadeiros tesouros antigos.

Figura 32 - Livro com pinturas “Fore-Edge”.



Fonte: The Epoch Times³⁹

Os “tesouros” em formas de livros eram os que continham ilustrações detalhadas, cores vivas, suas capas com adornos em pedras preciosas e folhas de ouro, prata, e até mesmo marfim. A técnica de pintura “*Fore-Edge*” era avaliada no mesmo alto grau de preciosidade, pois quando se abria em leque o livro a surpresa era a reação mais comum, a aquarela usada para realizar essas obras é uma pintura de alto grau de dificuldade, justamente pela adversidade de controlar a tinta e os traços, encontrar esse tipo de pintura na borda anterior (borda contrária a lombada) de um livro inesperado, o tornava digno de entrar em grandes coleções.

Within these institutions they played a specific role; they were part of the liturgical equipment used in celebrating the divine service. This equipment, including crucifixes, eucharistic vessels, vestments, reliquaries, the altar itself, was often of the highest luxury and constituted the 'treasure' of a church (Jeremy Norman's History of Information, 2004, sn).

Os livros com adornos preciosos em suas capas, muitas vezes eram roubados, as capas eram feitas para serem retiradas dos livros sem danificações, assim o próprio proprietário poderia trocar as capas se assim desejasse, essa artimanha era muito usada, sendo que é difícil encontrar atualmente um livro que tenha a capa valiosa de origem.

³⁹ Imagem retirada do site: https://www.theepochtimes.com/the-disappearing-art-of-vanishing-fore-edge-painting_2766068.html



No caso das pinturas “*Fore-Edge*” as páginas do livro em si eram a própria obra de arte. A maioria destes códices eram de propriedade da igreja católica na idade média, em seus mosteiros e catedrais.

Figura 33 - Detalhe de “*Fore-Adge*” em bíblia.



Fonte: Muito mais que um livro⁴⁰

Esse tipo de pintura vanguardista era dificultosa e muitas das ilustrações dos livros não dizem respeito aos seus conteúdos (como exemplo a figura de Demônio do Códex de Gigas). As cenas reproduzidas nas folhas dos livros são de temas da natureza, animais, cidades e até pessoas, normalmente são bem detalhadas e com traços finos. Foram encontrados livros com uma técnica mais avançada em relação aos “*Fore-Edges*”, uma pintura com “dupla face”, sendo que quando se abre o livro em seu início pode-se ver uma pintura, e assim que o feche em seu final, vê-se outra pintura diferente (fig. 35). Esse tipo de pintura pode ser vista também abrindo o livro no meio, e em cada um dos lados encontra-se uma pintura escondida (caso da figura 33).

Embora a marcação da parte anterior de um livro fosse feita durante séculos, muitas vezes pensa-se que o desenvolvimento da pintura oculta da parte anterior começou em meados do século XVII pelos encadernadores londrinos Stephen e Thomas Lewis. Tornou-se mais conhecido sob os auspícios do encadernador real do rei Carlos II, Samuel Merne. A popularização da forma de arte, no entanto, está mais intimamente associada a Edwards de Halifax, uma família de encadernação do século 18 ao início do século 19 localizada em Pall Mall, Londres. Encadernadores como Edwards de Halifax contrataram artistas para pintar cenas nas bordas. Esses artistas usavam aquarela e, em seguida, as bordas eram normalmente decoradas em dourado (GRABIE, 2018, sn).

⁴⁰ Imagem retirada do site; <https://muitomaisqueumlivro.wordpress.com/2015/11/11/fore-edge-painting-escondendo-pinturas-nas-bordas-dos-livros/>



Figura 34 - Detalhe de “Fore-Edge” em lombada de livro.

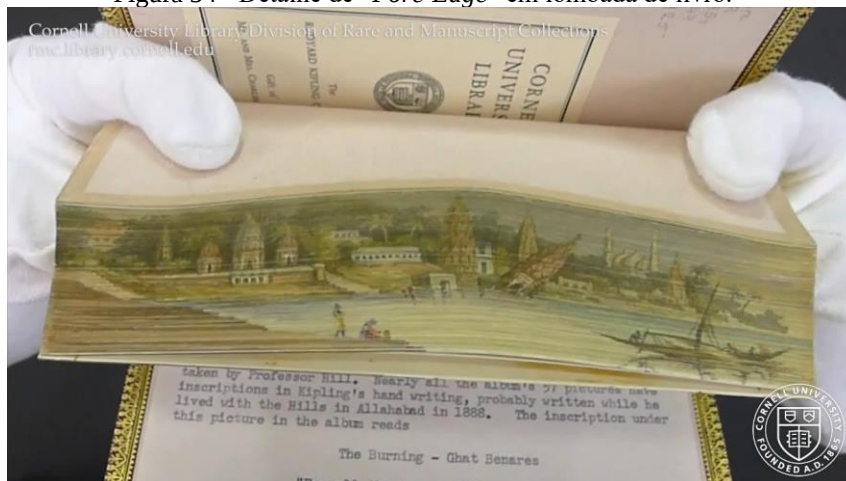


Foto: Cornell University Library⁴¹

Church of England The book of common prayer, and administration of the sacraments, and other rites and ceremonies of the church, according to the use of the Church of England: together with the Psalter or Psalms of David, pointed as they are to be sung or said in churches : and the form or manner of making, ordaining, and consecrating of bishops, priests, and deacons. Oxford: Printed by W. Jackson and A. Hamilton, printers to the University, and sold by W. Dawson ... London, 1790 (PETERSON, 2011, p. 22).

Foi constatado nesta pesquisa a dificuldade em encontrar referências e localizações de obras “fore-edge” as encontradas normalmente são em sua maioria do idioma Inglês e de países europeus. A origem das pinturas nos manuscritos fica incógnitas por falta de reivindicações autorais, muitas das obras então acabam levando o nome dos encadernadores responsáveis.

Uma das dificuldades em rastrear a proveniência da pintura de ponta de um livro é que os artistas muitas vezes não assinam seus nomes em suas obras. Portanto, as pinturas geralmente estão conectadas a um encadernador específico. Por exemplo, John Fazakerley, encadernador de Liverpool do final do século 19, era conhecido por criar livros com pinturas de ponta. No entanto, como os artistas não assinaram seus nomes, as pinturas de ponta dos livros encadernados de Fazakerley estão associadas a ele. Para confundir as coisas, muitas pinturas de vanguarda do século XX foram frequentemente criadas em livros publicados em séculos anteriores (GRABIE, 2018, sn).

⁴¹ Imagem retirada do site: https://www.youtube.com/watch?v=OZZQ28YZXSE&ab_channel=TheFSLSA



Figura 35 - Pinturas de borda dianteira dupla da Catedral de São Paulo e da Abadia de Westminster⁴²



Fonte: New York Historical Society – Museum e Library⁴³

4.3 A beleza e informação da coloração em um dos primeiros livros

Um dos livros mais antigos e considerado um dos primeiros livros coloridos que se tem notícias, se trata de um *sketchbook* feito em 1633 na China, criado no estúdio *Ten Bamboo* que se encontra hoje aos cuidados da Universidade de Cambridge. O Manual de Caligrafia e Pintura (*Shi zhu zhai shu hua pu*) é conhecido como um dos manuscritos mais antigos do mundo, sua beleza e diferenciação não está somente em suas cores (fig. 36), mas também na rara impressão feita pela técnica de xilogravura policromada (popularmente conhecida como *douban*) o aperfeiçoamento dessa técnica foi necessário para o editor Hu Zhengyan (1584-1674) que também era um artista e gravador, seu manual é conhecido como sendo o livro colorido e mais antigo já registrado.

⁴² A obra é de tamanho incomumente pequeno para uma pintura dupla. *As Epístolas do Apóstolo Paulo aos Efésios, Filipenses, Colossenses e Tessalonicenses*. (Londres: Hamilton, Adams and Co., 1832) {Y-Bind FORE \ .Bib 1832}. Biblioteca da Sociedade Histórica de Nova York.

⁴³ Imagem retirada do site: <http://blog.nyhistory.org/fore-edge-paintings/>



Figura 36 - Manual de Caligrafia, p. 11.



Foto: Divulgação/University Of Cambridge's Digital Library⁴⁴

O manual de Caligrafia do artista Hu Zhengyan é um livro com 320 páginas dotadas de ilustrações com cores diversas e poesias escritas, as imagens são divididas em animais, frutas, flores, caules (principalmente de bambus, fig. 37) e pedras. Suas cores e textos diversificados fornecem um conjunto de informações embelezadas em xilogravura, uma forma didática de ensinar com o que é belo.

No espaço de tempo de 1500 até 1675, as imagens nos tratados técnicos e nos tratados alquímicos passaram das iluminuras para as xilogravuras, até as gravuras em metal. O modo de produção da imagem traz consequências para o papel que a imagem desempenha no pensamento. De uma mera festa para os olhos e informação para aqueles que não sabiam ler nem escrever, as imagens e figuras passaram a ser, cada vez mais, peças fundamentais na transmissão de conhecimentos científicos e técnicos, na medida mesma do aprimoramento do seu modo de gravação. As enciclopédias e os livros ilustrados foram absorvendo crescentemente as novas possibilidades de expressão do conhecimento. O campo que primeiro ganhou tremendamente com isso - e até hoje continua a ganhar - foi o da ciência, em especial as ciências da observação (SANTAELLA, 2012, p. 106-107).

Figura 37 - Manual de Caligrafia, p. 55.



Foto: Divulgação/University Of Cambridge's Digital Library⁴⁵

⁴⁴ Imagem retirada do site: Fonte: <http://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-FH-00910-00083-00098/7>

⁴⁵ Imagem retirada do site: <http://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-FH-00910-00083-00098/7>



Esse manual onde se encontra tantas informações de botânica e textos (fig. 38) que se referem não somente a natureza, mas também a vida em si, é uma forma de ensinar pela imagem, assim como as igrejas faziam com seus fiéis não letrados, lhes ensinando sobre a saga de Jesus na terra, os mandamentos, a noite no morro do Calvário, etc, assim em outras sociedades a imagem nada mais é do que a forma imagética das palavras, a forma de usar a imaginação para alcançar o entendimento.

As imagens criavam uma maneira especial de leitura, sobretudo, na fase inicial de alfabetização, onde se mesclava com a oralidade. A presença de ilustrações favorecia, em princípio, o diálogo, suscitando comentários que deslizavam continuamente do escrito para o oral e do oral para o escrito. E, desde o início das publicações de livros para as crianças, pode-se constatar que são ilustrados (BITTENCOURT, 2008, p. 197).

Figura 38 - Manual de Caligrafia, p. 20.

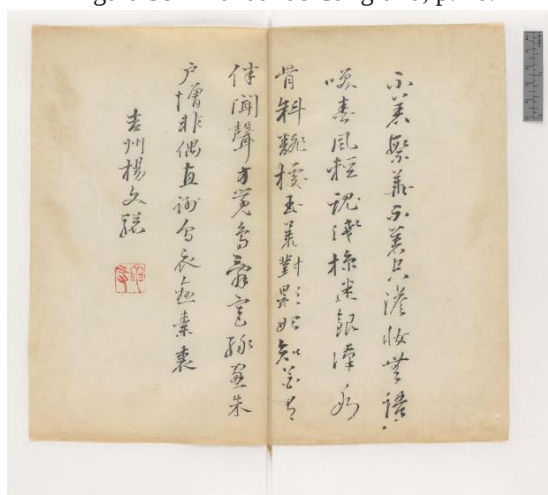


Foto: Divulgação/University Of Cambridge's Digital Library⁴⁶

Este manual tão antigo e importante foi digitalizado pela Universidade de Cambridge e está disponível online para que todos possam apreciá-lo, a organização do livro está envolta em oito categorias, sendo elas: frutas, pássaros, pedras (fig. 39), ameixas, orquídeas, bambus, desenhos em tinta e miscelâneas.

Figura 39 - Manual de Caligrafia, p. 116.



Foto: Divulgação/University Of Cambridge's Digital Library⁴⁷

⁴⁶ Imagem retirada do site: <http://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-FH-00910-00083-00098/7>

⁴⁷ Imagem retirada do site: <http://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-FH-00910-00083-00098/7>



Capítulo V.

Preservação e mediação de memórias

***O livro é na contemporaneidade o resultado das suas
transmutações temporais.
(ALVES; SALCEDO, 2017, p. 01)***



5.1 Papiro – Como fazer o Papel do Antigo Egito

Para esta pesquisa é importante fornecer exemplos nos quais a disseminação de memórias preservadas ensina como eram as rotinas sociais e seus meios de sobreviver e transcender sua sabedoria em determinadas sociedades. O espelho social preservado em um suporte de escrita que mudou a humanidade deve ser entendido para que a reflexão da nossa atualidade tenha um significado.

O primeiro exemplo dessa temática de recuperação de memórias e aprendizado é o caso do mediador Lucas Ferreira (Graduado e Pós-Graduado em História pela UNIASSELVI – SC, com ênfase no Antigo Egito) que ensina através do site “<https://antigoegito.org>” a fabricar um papiro com poucas ferramentas nos dias atuais, em sua oficina “Papiro – Como fazer o Papel do Antigo Egito” de uma forma detalhada e com imagens de sua própria autoria para melhor se visualizar o passo-a-passo, ele ensina a criar o papel papiro e posteriormente mostra o resultado final.

A narrativa do autor Lucas Ferreira se inicia com uma pequena introdução sobre o papiro e sua história e em seguida com a proposta de fabricação da folha, na figura 40 temos a visualização do início da produção:

“O que vamos precisar:

Caule de papiro, rolo de massa de pão, martelo de madeira, faca, tigela, prensa e toalha.

Procedimento:

1º Corte o caule do papiro em pedaços, de preferência do mesmo tamanho, para a montagem posterior.

2º Retire a camada verde que envolve o caule com uma faca.

3º Corte o caule em tiras finas. Dependendo da grossura do caule, pode-se fazer 2 ou 3 tiras.

4º Com o martelo de madeira, bata em cima da tira (ela já começará a ficar molhada).

5º Com o rolo de massa de pão, esmague a tira fazendo com que a água que tem dentro do caule saia, tirando assim todo o excesso de líquido.”



Figura 40 - Foto: Como fazer papiro



Acervo Pessoal: Lucas Ferreira⁴⁸

“6º Depois, coloque a tira na tigela com água e repita o mesmo processo com todas as outras tiras.

7º Deixe-as de molho por 5 a 6 dias (de preferência em um lugar arejado, porém fechado).

8º Retire as tiras da água.

Com o dedo, escorra um pouco a água (apenas com o dedo, sem usar o rolo) e coloque em cima da toalha uma fileira de tiras, sendo a primeira na vertical.

Depois por cima dessa fileira coloque as outras na horizontal, formando assim um quadrado ou retângulo.

9º Com as tiras em cima da toalha, sobrepostas umas às outras, coloque uma outra toalha por cima e com o martelo de madeira bata levemente para que as tiras comecem a se unir.

10º Leve a toalha com as tiras para a prensa e deixe-as lá por mais ou menos 5 ou 6 dias.

Convém no quarto dia trocar a toalha (o papiro já estará praticamente pronto, porém um pouco úmido).

11º Depois de retirar da prensa, teoricamente o papiro já estaria pronto para pintar ou até mesmo para servir como decoração, mas para ficar macio e liso, de forma a se obter uma melhor pintura, utiliza-se pedra-pomes, para fazer o ‘lixamento’.”

⁴⁸ Imagem retirada do site: <https://antigoegito.org/papiro-como-fazer-o-papel-do-antigo-egito/>



Na figura abaixo (fig. 41), vemos o resultado do processo proposto pelo mediador Lucas Ferreira, um pedaço de folha de papiro.

Figura 41 - Foto: Papiro novo.



Acervo Pessoal: Lucas Ferreira⁴⁹

A troca de informações com seus seguidores no site mostra como é passada muitas informações de forma descontraída e eles até usam de outros materiais para fazer seus testes, uma seguidora cita que usou folha de babosa para não perder a oportunidade de participar dessa interação causada pela preservação das memórias dos manuscritos.

Abaixo é compartilhado alguns depoimentos públicos, escritos por usuários interagindo no site por conta da matéria publicada referente aos manuscritos e seus materiais, mostrando a importância da preservação das memórias e seu compartilhamento:

“Oi adorei esse site porque eu tinha que fazer papiro real e eu fiz com babosa pois não tinha o papiro e fez o mesmo efeito” (Maria Clara).

“Sou professor de história e achei uma iniciativa brilhante esse site. Acredito que de agora por diante me ajudará bastante a levar o conhecimento prático da antiguidade” (Diego Machado).

“Lucas, no lugar do papiro eu consigo fazer, utilizando folhas de bananeira? Obrigada” (Marcella).

Resposta Lucas Ferreira (adm): “Olá Marcella, tudo bom? Eu nunca fiz com folhas de bananeira, mas já ouvi pessoas que fizeram e deu certo. Não será mais um Papiro e sim uma nova superfície de escrita. Há uma outra planta chamada maguey (agave americana) usada também como superfície de escrita na época dos astecas. Até mais”.

⁴⁹ Imagem retirada do site: Fonte: <https://antigoegito.org/papiro-como-fazer-o-papel-do-antigo-egito/>



5.2 Black art' up close – the Print Shop

Para agregar conhecimento para esta pesquisa e mostrar mais uma maneira de compartilhamento da preservação da memória é apresentado o Museu de Gutenberg (*Museum Gutenberg*) que está localizado em Mainz na Alemanha, o museu, foi fundado em 1900 por cidadãos de Mainz, para enaltecer seu ícone principal, Johannes Gutenberg, nascido na cidade e conhecido como “homem do milênio”. Além de trazer aos nossos dias réplicas da prensa usada por Gutenberg, coleções de capas de livros antigas e raras, jornais antigos, exposições permanentes e móveis, o Museu também proporciona ao seu público a oportunidade de voltar no tempo e participar, por assim dizer, da revolução feita através da primeira impressão com letras móveis em papel, com o projeto “‘Black art’ up close – the Print Shop” o museu oferece aos seus usuários oficinas com o intuito de proporcionar a experiência de ser um artesão gráfico (fig. 42).

Visitantes de todas as idades, tanto amadores como impressores treinados, podem mergulhar na "arte negra" da gráfica. Várias letras de chumbo e madeira, prensas de alavanca seletora, impressoras de rotogravura e prensas de prova convidam os visitantes a experimentar e explorar criativamente, enquanto as ofertas profissionais complementam o escopo dos serviços. (Museum Gutenberg⁵⁰)

O projeto visa envolver, crianças, adolescentes e adultos na inovação histórica que ocorreu no mundo a muitos anos, o envolvimento agora é pessoal, cada um com seu grau de conhecimento sobre o assunto, sua vivência e apreciação, a utilização de materiais diferentes dos vistos no cotidiano e com resultados únicos.

Figura 42 - Oficina de impressão.



Fonte: Museum Gutenberg⁵¹

⁵⁰ Citação retirada do site do Museu de Gutenberg: <<https://www.mainz.de/microsite/gutenberg-museum-en/rubrik3/bereich3.php>> Nome da oficina: “‘Arte negra’ de perto - a gráfica”.

⁵¹ Imagem retirada do site: <https://www.mainz.de/microsite/gutenberg-museum-en/rubrik3/bereich3.php>



5.3 Exemplos cinematográficos da história dos Manuscritos como a arte audiovisual retrata romanticamente a historicidade de seu surgimento.

Antes da criação dos manuscritos era difícil encontrar uma maneira de guardar a história assim como passar as mesmas através das gerações; com tantos conhecimentos e conceitos, a palavra falada era a melhor forma de disseminação de ensinamentos, mas nem sempre confiável, pois cada um contava sua história da maneira que havia entendido, a chegada dos manuscritos foi vista como uma forma de guardar os conhecimentos existentes no mundo e assim preservar para futuras gerações pontos importantes da existência dessas pessoas e sociedades. Os manuscritos tiveram uma evolução bem marcada pela necessidade de melhoramentos para a preservação das memórias, e assim mudanças foram feitas no decorrer dos tempos, e existem formas de romancear a história dos manuscritos e até mesmo como eles foram criados, e é assim que vemos esse material revolucionário, um material cheio de histórias para contar, romances, terror e vidas eternizadas pelo papel.

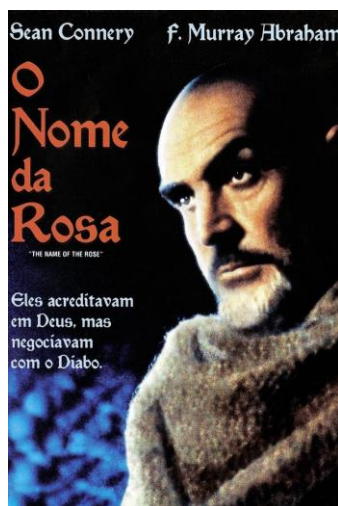
Em relação aos manuscritos e sua trajetória, foram eles os responsáveis por duas grandes inovações na história, e essas mudanças nos levou a uma evolução grandiosa, hoje o que temos de tecnologia sem sombras de dúvidas foi devida a evolução dos moldes dos manuscritos, do rolo ao códice, e depois com a inovação da imprensa, os livros são a maior tecnologia até hoje inventada, e será a tecnologia mais velha ainda existente em nosso futuro incerto.

Tal transformação, ainda que violenta, não é exatamente inédita na longa história da leitura. Roger Chartier (1998) compara a ruptura provocada por essa revolução digital com dois momentos: primeiro com o início da era cristã, quando os leitores do códex tiveram que se desligar da tradição do livro em rolo, e depois com a impressão em tipos móveis, quando foi necessário adaptar-se a uma circulação muito mais efervescente do livro (SPALDING, 2012, p. 25).

Como exemplo para ilustrar essas informações que chegam na atualidade sobre a história dos manuscritos, é citado dois casos cinematográficos: um filme épico e de valor inestimável à educação, “O nome da Rosa” de 1986 do diretor Jean-Jacques Annaud (fig. 43), um clássico que apresenta um intelectual renascentista que viaja em busca por respostas a mortes que ocorrem em um mosteiro. A busca por conhecimento que na época era restrita a poucos é romantizada através de códices neste filme.



Figura 43 - Cartaz do filme: O nome da Rosa.



Fonte: Adoro Cinema⁵²

Através deste filme podemos ter a ideia visual, de como era o grande trabalho feito em mosteiros, sua restrição de conhecimentos, os dogmas da igreja e suas proibições severas, o trabalho exaustivos de copistas, a idealização do *scriptorium*, o tratamento dos que detinham o poder com as pessoas comuns, e como ápice para esta pesquisa ilustra o grande poder que trazia os manuscritos da época e como o conhecimento contido naquelas páginas poderia ditar as regras do que é correto e moral para a sociedade. O escritor Umberto Eco (1932 - 2016) em seu romance possibilita a identificação de pessoas que detinham o conhecimento e assim podia ser contra ou a favor da preservação da memória individual ou coletiva.

O livro evidencia também o embate clássico entre a fé e a razão, assim como o esforço da Igreja Católica em manter inabaláveis seus dogmas e critérios de verdade. Dessa forma, a instituição milenar garantia a ordem social e aquinhoava bens materiais. Para tanto, a Igreja vendia indulgências, controlava a produção e a circulação do conhecimento e aterrorizava e penalizava a todos aqueles que cometessem atos considerados profanos ou duvidassem do poder punitivo da “Santa Madre Igreja” (MATTOSO, 2001 *apud* CASTRO, 2006, p. 03).

Na figura abaixo (fig. 44) temos a imagem cinematográfica de como era o espaço destinado aos copistas, um lugar quieto, onde todos estão focados nas obras em que trabalham, o espaço coletivo era um ambiente de resguardo e atenção a tudo, não sendo permitida nenhum tipo de perturbação, que no caso do filme seria até mesmo uma risada.

⁵² Imagem retirada do site: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2402/>



Figura 44 - *Scriptorium* do mosteiro.



O nome da Rosa - 00h38min'28"

Em algumas cenas do filme fica evidente os poderes do saber contidos nos manuscritos, que traziam dentro deles algo que era considerado perigoso demais para pessoas normais, pois eles desafiavam a fé da época e com isso o poder da igreja como autoridade maior.

Frei de Baskerville e Adson Von Melk, os protagonistas da história, começam a investigar aquelas mortes misteriosas, sem saber que todas elas estão ligadas ao livro de Aristóteles, oculto num dos armários da complexa biblioteca, que “nasceu segundo um desenho que permaneceu obscuro a todos durante séculos e que a nenhum dos monges é dado conhecer”. Pretendia-se, desse modo, proteger o livro, que seria uma “criatura frágil, sofre a usura do tempo, teme os roedores, as intempéries, as mãos inábeis”. Ao bibliotecário Jorge, cabia defendê-los, “não só dos homens, mas também da natureza, e dedica sua vida a esta guerra contra as forças do ouvido, inimigo da verdade” (CASTRO, 2006, p. 03).

O filme traz à tona diversos questionamentos sobre os saberes, o protagonista Baskerville é tido como um homem “a frente de seu tempo”, trazendo de sua viagem uma bússola, lentes para enxergar e questionando os dogmas da igreja, não desrespeitando a cultura ali existente, mas mostrando que avanços tecnológicos não colocariam sua fé em risco e sim ajudaria a descobrir sobre os crimes ali cometidos para que sua devoção não fosse mais perturbada, porém as ideias do que era ou não permitido por Deus e pelos homens dentro daquele grande mosteiro era algo enfadonho. As restrições eram tantas que até o riso não era permitido, o simples ato de rir provoca a seriedade do ambiente e este é um dos questionamentos deste filme envolto em tantas proibições religiosas.

É bom lembrar que, no cristianismo do séc. IV, os monges eram tidos na condição de extensão da milícia celeste em oposição às hostes demoníacas. Deveriam constituir-se num espaço impenetrável para o demônio e, por isso mesmo, deveriam entregar-se, além do trabalho, a jejuns, orações e outras formas de mortificação, concretizando o ideal de renúncia ao mundo. Ao mesmo tempo, para sustentar tal postura por um discurso justificador, os mosteiros cedo se transformaram num repositório do saber,



conservando, na antiguidade tardia e em todo o período medieval, a cultura antiga. Em outras palavras, a vida monástica só teria sentido se houvesse total dedicação a algo relevante e sério, não havendo, portanto, lugar para a brincadeira. Daí Umberto Eco mostrar o quanto era fundamental a existência de uma biblioteca nos mosteiros. Nesse sentido, põe nos lábios do abade esta afirmação: “*Monasterium sine libris est sicut civitas sine opibus, castrum sine numeris, coquina sine suppellectili, mensa sine cibis, hortus sine herbis, platium sine floribus, arbor sine foliis [...]*” (ECO, 1989, p. 43). (Um mosteiro sem livros é como uma cidade sem riquezas, um quartel sem tropas, uma cozinha sem utensílios, uma mesa sem comida, um jardim sem plantas, um prado sem flores, uma árvore sem folhas [...]) (ECO, 1989 *apud* DE GÓIS, 2009, p. 219).

No filme é mostrada a importância das bibliotecas e a preservação dos conhecimentos, um ambiente livre de proibições culturais e de disseminação da compreensão. A biblioteca deste mosteiro é tida como uma das maiores da região, algo que poderia despertar inveja a outros bibliotecários, todavia Jorge (bibliotecário responsável pelo mosteiro do beneditino do século XIV), está dividido entre suas tarefas como responsável pelo saber e envolvido em um grande mistério.

Uma abordagem emanentista da história exposta possibilita compreender o poder dos bibliotecários como guardiões da memória, ao impedir a aproximação de leitores de textos considerados impuros e impróprios. Mas permite igualmente identificar de que forma a ordem moral e religiosa se reveste de significações intencionais para justificar e naturalizar a censura por parte do regime eclesiástico (LE GOLF, 1993). Refletindo essa dicotomia conflitante em suas ações e reações, Jorge, o bibliotecário, se apresenta, por um lado, como dotado de imensa capacidade organizativa e, por outro, mostra-se ardiloso, ao planejar assassinatos com grande discrição (DE GÓIS, 2009, p. 02).

Quando já quase no final do filme *Baskerville* (investigador) encontra a biblioteca que se mostra um labirinto de manuscritos, sua reação é de incredulidade e encanto. *Baskerville* está eufórico com a visão de tamanha infinidade de manuscritos, ele folheia diversos tentando aproveitar e conhecer aquilo que é escondido entre muros tão altos. A biblioteca mostrada em *O nome da Rosa* não aparenta ter algum tipo de organização, pelo menos não o acervo escondido em um labirinto de salas e escadarias, pode-se acreditar que cada sala continha algum tipo de assunto ou autor. Quando o investigador descobre esses milhares de códices manuscritos escondidos dentro no monastério fica clara as intenções da igreja perante o conhecimento.

Diálogo abaixo retirado do filme “*O nome da Rosa*” (1986) “01:08:47”
[Biblioteca/acervo]

- Baskerville: Quantas salas mais? Quantos livros mais?
- Baskerville: Ninguém deveria ser proibido de consultar esses livros.
- Adso: Talvez eles sejam considerados preciosos e frágeis demais.
- Baskerville: Não é isso, é porque aqui contém uma sabedoria diferente da nossa e ideias que fariam pôr em dúvidas a palavra de Deus. E a dúvida é inimiga da fé.



Figura 45 - Investigadores encontram acervo de livros escondidos em monastério.



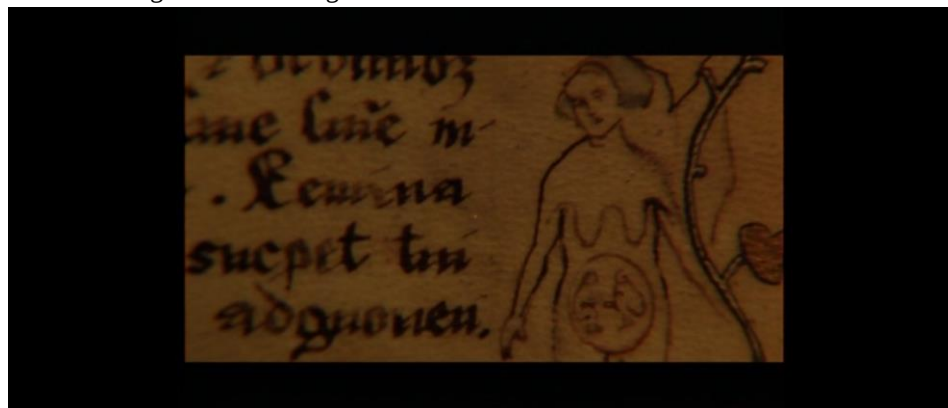
O nome da Rosa - 01h10min'37"

Este mistério envolto no monastério mostra mais que a busca por um assassino, mas também o segredo de milhares de livros escondidos de olhos não permitidos. Os manuscritos eram copiados e guardados para que somente pessoas importantes e severamente escolhidas tivessem acesso, durante toda a antiguidade conhecimento era poder, porém conhecimento que ia contra a vontade da igreja era considerado heresia e assim sendo, proibido.

Na Idade Média, como em qualquer época, o processo de destruição de livros é perpetrado por várias motivações. No caso em tela, ocorre como consequência do antagonismo entre fé e razão. Esse embate, cuja supremacia é da primeira, foi a forma encontrada pela Igreja Católica para se contrapor ao crescente avanço de idéias heréticas Grant (2001). E foi essa a motivação para a catalogação e censura de obras permitidas a circular entre as restritas comunidades de leitores (CASTRO, 2006, p. 06).

Muitos manuscritos foram escritos não somente para a divulgação da palavra “divina”, mas também com conhecimentos científicos e histórias antigas, poemas e canções. Abaixo temos uma cena onde vemos desenhos de corpos humanos (fig. 46), nos levando a acreditar que seja um manuscrito de conhecimentos científico na área de medicina.

Figura 46 - Investigadores folheiam livros encontrados em acervo.



O nome da Rosa - 01h11min'48"



A relevância desse filme para esta pesquisa está na maneira que são mostrados os manuscritos e sua importância para aquela sociedade medieval, tendo a frase “conhecimento é poder” como premissa para dar ordens; a igreja católica restringiu o conhecimento para manter seu monopólio cultural, os manuscritos mantidos escondidos em paredes sem fim, possuíam ideias e conhecimentos preservados de homens que foram em busca de respostas para suas dúvidas, retirando o papel da igreja de possuir todas as respostas na Bíblia, a única palavra realmente que importava naquela época. O filme ilustra de forma romanceada um pouco do que se imagina numa época de medos e castigos severos para aqueles que não sabiam ser dominados, os manuscritos são mostrados como fonte do saber e fonte de perigo, sendo um objeto de desejo e de medo.

O segundo exemplo a ser citado na romantização da criação dos manuscritos é o Dorama (Doramas são produções novelísticas asiáticas de dramas cinematográficos, são diferenciados por K-drama “Coreia”, J-drama “Japão”, C-drama “China”): “Saimdang - Light's Diary” de 2017 dirigido por Yoon Sang-ho e distribuído pela SBS (fig. 47) é um K-drama onde a história começa na era Joseon (1392 e 1897), onde um mulher (um ícone na história da cultura coreana na realidade), e uma talentosa artista notável, enfrenta dificuldades durante toda sua vida, ora por ser mulher, ora por ser casada com um homem considerado ingênuo e inútil e o principal ponto romântico deste drama é a impossibilidade de viver o amor da sua vida. A sinopse desse Dorama é desvendada quando nos tempos modernos da atualidade a protagonista Seo Ji-yoon, uma professora de história de uma universidade encontra um diário antigo da senhora Shin Saimdang durante uma viagem cheia de transtornos e agora com um diário cheio de mistérios em mãos. A história passa a narrar como foi a vida conturbada de Shin Saimdang no passado, como a trajetória de uma menina inteligente e destinada a uma grande vida se tornar triste pela perda de seu amor e com o único destino como uma dona de casa inteligente e dedicada que cuida de seus filhos e marido que ela não ama. O ponto forte para esta pesquisa está na parte onde Shin Saimdang precisa de dinheiro para viver sua nova vida em uma cidade nada hospitaleira, e decide fazer e vender papéis para que seus filhos possam estudar e também como fonte de renda, da qual ela precisa urgentemente.



Figura 47 - Capa da série novelística: SAIMDANG: LIGHT'S DIARY (사임당, 빛의 일기)



Fonte: <https://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/historia/shin-saimdang-historia/>

A história da cultura do papel é de origem oriental, pesquisadores afirmam que os chineses foram os primeiros a criar esse material de origem de fibras vegetais e mantendo seu monopólio por anos.

Os egípcios, em 2400 a.c, começaram por empregar como suporte de escrita medula dos caules de plantas, mas os chineses foram os primeiras a fabricar o papel com roupas velhas, cascas de árvores e fios de cânhamo. Inicialmente, a produção de papel começou a partir de fibras de bambu e da seda. A invenção do papel, feito de fibras de vegetais é atribuída aos chineses, tendo sido obras do ministro chinês da agricultura, *Tsai-Lun*, no ano de 123 a.c. A técnica foi mantida em segredo pelos chineses durante 600 anos. Nesse período, o uso do papel se estendeu-se até os quatro cantos do Império Chinês, acompanhando as rotas comerciais das grandes caravanas. Os segredos da sua produção só teriam sido revelados aos árabes, no decorrer da sua expansão pelo Oriente (MATIAS, LIMA, GÓIS, 2011, p. 10).

Como esclarecimento para este trabalho, para se entender melhor o meio narrativo do Dorama, havia uma cultura de produção de papel antes do nascimento de Saimdang e durante sua infância, esses papeis eram considerados de ótima qualidade, pois eles tendiam a durar mais com a preservação adequada, o mesmo se chamava Goryeo, assim os documentos redigidos pela realza duravam mais de 10 anos.

Em uma viagem de férias a um vilarejo conhecido pela produção de papel Goryeo, um membro da realza ultrapassa a diversão e exagera nas bebidas, como consequência uma desavença é causada e o seu fiel companheiro de viagem Min Chi-Hyung (futuro comerciante de papel) mata todos os trabalhadores da região que produziam o papel mais famoso da época, acabando-se assim aquela cultura de produção e perdendo-se a fórmula do papel Goryeo juntamente com seus materiais e quantidades. Porém houve sobreviventes, sendo uma delas a própria Saimdang ainda menina, que estava no lugar errado na hora errada.

Vinte anos depois quando Saimdang já está crescida, casada, com quatro filhos e problemas familiares desde o seu casamento e a criação dos filhos, até com a sociedade patriarcal que procura forçar aqueles que não se enquadram a se adaptarem de toda e qualquer



forma possível, começa não muito longe da realidade de Saimdang a “crise do papel”. Essa crise se dava pela produção de papel que durante esses vinte anos não possuíam a mesma qualidade dos papéis fabricados antes da chacina causada por Min Chi-Hyung (agora vinte anos depois é o responsável pela fabricação e distribuição de papel de toda a região), os papéis que desde então circulavam pela sociedade estavam se desfazendo, não preservavam as tintas usadas e assim os documentos redigidos nos mesmos eram perdidos em pouco tempo. A realeza em meio a uma crise que envolvia outros poderes se viu obrigada a admitir que seu monopólio de papel perdeu a qualidade, sendo que os papéis produzidos atualmente eram de qualidade duvidosa. Assim é lançado a busca pela fórmula perdida do papel Goryeo original, perdida a vinte anos.

Saimdang ao se ver desorientada em uma nova cidade, sem um marido para ajudá-la pois o mesmo se esconde dela por vergonha de ser ingênuo e inútil (perdendo todos os bens da esposa, sendo enganado por um desconhecido), ela busca inspiração para adentrar nessa sua nova vida da melhor maneira que pode. Seus filhos sempre foram instruídos a estudarem e serem os mais sábios e compreensíveis, porém agora ela não consegue sequer comprar uma folha de papel para que eles possam estudar, as folhas para manuscritos eram deveras caras, pois pessoas humildes não estudavam, tampouco sabiam ler, um destino que Saimdang que sempre foi instruída por seu pai, não deseja para seus filhos. Assim inicia a saga de Saimdang que decide começar a produzir seu próprio papel para que seus filhos possam ter onde estudar e assim um jeito de melhorar a vida, nesse processo ela não somente aprende a fazer papel para estudo, mas também consegue adentrar numa sociedade que a rejeita fortemente.

Partindo do ponto que é válido para esta pesquisa, onde se inicia o trabalho de Saimdang na fabricação de papel, vemos um pouco do trabalho árduo que era a preparação dessas folhas, na novela/série é atribuído a Saimdang a “invenção” das folhas “ecológicas” ou seja o papel reciclado, que se tem na atualidade, para ela as folhas foram feitas de forma errada e eram feias comparadas com as folhas brancas e lisas dos concorrentes; para esta pesquisa fica claro que todas as folhas eram ecológicas sendo feitas apenas de materiais orgânicos sem aditivos químicos na época que se passa a história de Saimdang.

Quando Shin Saimdang inicia sua árdua tarefa ela começa com o “auxílio” de um homem bêbado que diz conhecer a forma correta da fabricação do papel, (um dos sobreviventes do massacre, que agora se tornou um bêbado por todo trauma sofrido) um segredo antigo enterrado com muitos mortos pelo atual e principal comerciante da corte Min Chi-Hyung, um homem cruel e corrupto, que detém o mercado do papel de toda região em suas mãos. Esse homem que “ajuda” Saimdang dá dicas superficiais a ela e sua criada, levando a senhora a



trabalhar em dobro para finalizar um pedido impossível de ser concluído por duas mulheres. Abaixo (fig. 48) é mostrada a cena onde se inicia o trabalho de Saimdang.

Figura 48 - Começando a fabricação de papéis.



Saimdang, Light's Diary - ep. 09 - 00h19min'13".

Essa mulher talentosa e sem meios para viver decide chamar umas pessoas pobres, sem teto, para ajudá-la a fazer papel Goryeo, o famoso papel de alta qualidade cuja fórmula foi perdida a muitos anos (pelo assassinato em massa do atual comerciante Min Chi-Hyung), assim enquanto ela trabalha para fabricar o papel, são mostrados alguns materiais importantes, que são válidos para esta pesquisa, como por exemplo ela utiliza de cascas de amoreiras raspadas para a produção de papel, também carvão (fig. 49) e muita força para amassar os resíduos das árvores, formando assim uma pasta (fig. 50) que posteriormente é colocada em uma “forma” telada, onde os resíduos são secos e assim surge o papel. Essa passagem nos mostra um pouco da fabricação de papel diferente do que vemos com os pergaminhos e papiro no primeiro capítulo deste trabalho.

Figura 49 e 50 - Processos de criação do papel.



Saimdang, Light's Diary - ep. 09 - 00h20min'57".



Saimdang, Light's Diary - ep. 10 - 00h33min'53".

A história da produção de papéis nesta novela/série, gira em torno de recuperar uma antiga fórmula perdida e assim saber quais ingredientes e suas quantidades ideais para fazer um papel para manuscritos que duram décadas, o Imperador Jungjong reclama que o comércio de



papel não é mais o mesmo como antigamente, perdendo sua qualidade com o tempo, e seus aliados que compram o papel de seu império reclamam que os manuscritos estão se desfazendo, sendo difícil a sua preservação. Com a continuidade da produção de Saimdang também vemos a engenhosidade da protagonista ao criar sua forma de produzir papel e de acrescentar seus talentos artísticos neles, ela usa de diferentes formas para colorir o papel, usando de meios naturais disponíveis em seu dia-a-dia. Com a criatividade de Saimdang ela retoma técnicas antigas de pigmentação já vista nessa pesquisa em capítulos anteriores, como a utilização de sementes, flores, cascas e terras coloridas para tingir seus papéis (fig. 51).

Figura 51 - Criação de papéis novos.



Saimdang, Light's Diary - ep. 09 - 00h41min'55".

Depois de muito tempo Shin Saimdang descobre a fórmula secreta do papel em forma de um poema do qual ela tem que interpretar para conseguir todos os ingredientes, depois de muitos pesquisar e pensar sobre os ingredientes secretos para esta produção ela descobre com ajuda de seu filho e seus amigos que a árvore de Glicínia seria a segunda árvore para fabricar o tão famoso papel Goryeo, que preserva por anos as informações dos manuscritos (figs. 52 e 53).

Figuras 52 e 53 - Processos de criação do papel



Saimdang, Light's Diary - ep. 17 - 00h20min'30".



Saimdang, Light's Diary - ep. 10 - 00h29min'27".

Apesar de conhecer os ingredientes para a fabricação do papel Goryeo, Shin Saimdang precisa trabalhar nas proporções de cada material utilizado, ela trabalha como uma cozinheira que precisa de medidas corretas para que sua fabricação seja perfeita, e assim os manuscritos terão qualidade e poderão durar décadas como é esperado.



A história romanceada revela um pouco do conhecimento dos manuscritos e de como eram produzidos de diferentes formas, alguns dos dados vistos nesse enredo já foram citados nesta pesquisa e é uma forma de aprender com ensinamentos do passado, de uma maneira lúdica e em um momento de lazer.

A história romanceada de Shin Saimdang onde é mostrada uma mulher forte, determinada a mudar seu destino e de seus filhos, uma mulher traída por seu marido com uma amante que Saimdang não menospreza, uma mulher que respeita os costumes todavia não se julga menos importante que um homem numa sociedade extremamente machista, a mulher que acima de tudo é uma artista talentosa que sonha alto e que quebras a regras para realizar seu sonho busca um equilíbrio com a história de Saimdang (신 사임당, 1504 – 1551) contada na Coréia, em seu país Shin Saimdang é retratada como mãe de sete filhos, esposa respeitável, submissa e obediente, filha que cuida dos pais idosos, educadora rigorosa, sábia confucionista, artista talentosa, mulher batalhadora e mesmo assim nenhuma imagem real da artista foi preservada para a posteridade. As duas formas diferentes que representam Saimdang são meios de debates na Coréia, onde feministas procuram disseminar a imagem de mulher batalhadora, e a elite social procura a retratar como mulher submissa.

A artista carrega em seu legado pinturas de natureza morta, detalhes de caligrafia e paisagens coloridas (fig. 54).

Figura 54 - Uma tela dobrável de Shin Saimdang.



Fonte: Korea Post⁵³

Na Coréia a artista Shin Saimdang recebeu uma homenagem com sua imagem idealizada em uma nota monetária (fig. 55). Há quem celebre tal homenagem e quem não, porém o fato é que no Dorama apresentado as duas histórias se misturam num enredo de tristezas, felicidades, amores e esperanças. Shin Saimdang foi uma mulher que lutou pelo seu

⁵³ Imagem retirada do site: <https://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/historia/shin-saimdang-historia/>



reconhecimento, todavia em uma sociedade machista, pouco foi preservado de sua história ou sua imagem. Não há fotos reais de Saimdang, todas as ilustrações que fazem de sua imagem são estimatórias, bem como muitos de seus trabalhos que são atribuídos a ela através dos traços, técnica e trabalhos em si.

Figura 55 - Nota ⁵⁴ de 50.000 wŏn com ilustração imaginária de Sin Saimdang.



Fotografia: Burglind Jungmann, 2017⁵⁵

As duas produções cinematográficas citadas, nos ilustram processos que ocorreram (na medida do realismo) na história da fabricação do papel e na criação de manuscritos, toda a lógica audiovisual das histórias nos faz imaginar suas épocas e as dificuldades para conseguir fazer a cultura e o conhecimento seguir adiante. Os romances inseridos e todo os seus desdobramentos nos remete a épocas que o trabalho manual era algo louvável e de reconhecimento ilustre, isso se fosse bem sucedido.

Nessa verdadeira arqueologia do saber, percebemos que, mesmo na sociedade atual, denominada da informação, o bibliotecário, o historiador e o pesquisador precisam transitar nas fronteiras entre a tradição e as novas tecnologias da informação, entre a biblioteca de papel e a biblioteca virtual, entre a tradição e a pós-modernidade. E certamente esse é o grande desafio imposto às bibliotecas e aos bibliotecários desde Alexandria: navegar pelo novo sem renegar ou relegar ao esquecimento as marcas do passado (CASTRO, 2006, p. 09).

Transmitir os ideais do passado para as gerações da atualidade é uma problemática grande que se deve utilizar de todos os meios didáticos possíveis, sendo que a transição de épocas e culturas nos leva a uma viagem de sentimentos diversos, como a aceitação do que ocorria nestas épocas e a nossa ansiedade por imaginar como a sociedade lidava com essas informações.

⁵⁴ Nota de 50.000 wŏn emitida em junho de 2009 pelo Banco da Coreia, ilustrada com um retrato imaginário de Sin Saimdang baseado em uma pintura de Yi Chongsang (n. 1938).

⁵⁵ Imagem retirada do site: <https://url.gratis/cfxm7>



6 Considerações Finais

No decorrer desta pesquisa, tivemos uma base de como os manuscritos foram feitos, os materiais mais usados, sua evolução para o suporte de códice e posteriormente com a invenção da prensa a disseminação dos livros impressos.

Os estudos dos manuscritos selecionados para esta pesquisa estão vinculados ao campo da disseminação do conhecimento, começando especificamente com a história do suporte, e posteriormente com a facilitação de manuseio do códice, o acesso à informação em massa. A importância dos manuscritos para sociedades e culturas foi um ponto chave para entender como e porque os guardiões do saber (as bibliotecas, mosteiros, igrejas, palácios) preservaram estes manuscritos, tal qual, o estudo sobre os acervos existentes principalmente em bibliotecas como locais de preservação e conservação dessas obras. Foi visto no levantamento de dados feito para esta pesquisa, que nos leva a compreender nosso passado, o que é de extrema importância para que se tenha um futuro de avanços e melhorias.

Agregar a esta pesquisa meios audiovisuais que não trazem em seus enredos principais a temática dos manuscritos, mas estes são focados em um segundo plano no desenrolar da trama, é uma maneira de entendermos que no cotidiano, em momentos de lazer, a absorção de conhecimento é menos enfadonha, e ver mesmo que brevemente sobre o assunto relacionado aos manuscritos é aprender de maneira lúdica.

Também foi incluso a esta pesquisa mostras de como os manuscritos é um tema atual e que ensina a história da humanidade de diferentes formas em seus diferentes momentos. Nos subcapítulos “Preservação e mediação de memórias” temos exemplos de um professor, um museu e de filmes que trazem à tona a temáticas dos manuscritos de forma descontraída e para todos os públicos.

É destacado que, cada referência citada nesta pesquisa ajudou em análises e na compreensão da história, sendo uma forma didática de buscar conhecer o passado.

Mesmo que se tenha conhecimento básico de como foi a história da humanidade, não se tem uma percepção mais clara do que ocorreu nesse tempo e o que isso significou para a chegada até a atualidade. Estudar um meio de preservação de memórias como os manuscritos é buscar mais a fundo sobre nossa essência, entender como são os processos da evolução humana perante suas sociedades. Dessa forma esse trabalho visou contribuir, através da investigação da história dos manuscritos, seus suportes iniciais e sua evolução, bem como os locais de armazenamento e a disseminação de seus conteúdos.



Referências:

ALMADA, Marcia. **Livros manuscritos iluminados na era moderna: compromissos de irmandades mineiras, século XVIII**. 2006. Dissertação UFMG.

ALVES, M. S.; SALCEDO, D. A. **Esclarecimento na idade média: o livro e sua transmutação**. *Ágora*, v. 27, n. 55, p. 501-522, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/13705>>. Acesso em: 27 de mai. de 2020.

ALVES, Lucas. **Biblioteca de Alexandria – O que é, história, incêndio e a nova versão**. 2020. CRB8. Disponível em: <<http://www.crb8.org.br/16236-2/>> Acesso em 18 de nov. de 2020.

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. **Bibliotecas: lugar de memória e de preservação-o caso da Biblioteca Nacional do Brasil**. *Patrimônio e memória*, v. 4, n. 2, p. 17-34, 2007.

ARAÚJO, André Vieira de Freitas. **Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações**. *Acervos especiais: memórias e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 15-31, 2015.

AZEVEDO, Ricardo. **Pensando em Ilustrações de Livros**. Texto revisto e ampliado de artigo publicado em ALVES, Maria Leila (org.) *Linguagem e linguagens*. Série Idéias 17. São Paulo, Fundação Para o Desenvolvimento do Ensino – FDE, 1993, p.45-48. Disponível em <<https://url.gratis/Keo4S>>. Acesso em 10 de mar. de 2020.

BAPTISTA, S. G.; BRANDT, M. B. **Do manuscrito ao digital: a longa sobrevivência das bibliotecas e dos profissionais envolvidos**. *Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação*, v. 4, n. esp., p. 21-40, 2006. DOI: 10.20396/rdbci.v4i3.2027. Acesso em 27 mai. de 2020.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000. p.47

Biblioteca Digital Mundial. **Bíblia do Diabo**. 2017. Disponível em <<https://www.wdl.org/pt/item/3042/>> Acesso em 28 de out. de 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar: 1810-1910**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BURGLIND, Jungmann. **Mudando noções de “espaços femininos” na Dinastia Chosŏn na Coreia: a imagem forjada de Sin Saimdang (1504–1551)**. *Archives of Asian Art* 1 de abril de 2018; 68 (1): 47–66. Disponível em: < <https://doi.org/10.1215/00666637-4342402>> Acesso em 17 de nov. de 2020.



CHARTIER, Roger. **O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. O poder das bibliotecas: a memória do livro no ocidente.** Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 182-199, 2000.

CAMARGO, Célia Reis. **Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas.** In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). Arquivos, patrimônio e memória: trajetória e perspectivas. São Paulo: Unesp/Fapesp, 1999. p. 52.

CAMPELO, Wagner. **Manual de Caligrafia e Pintura** | Cambridge Digital Library. Site Padronagens. 2015. Disponível em: <<https://padronagens.wordpress.com/2015/08/30/manual-de-caligrafia-e-pintura-cambridge-digital-library/>>. Acesso em 04 de set. de 2020.

CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. **As representações visuais do mal na comunicação: imaginário moderno e pós-moderno em imagens de A Divina Comédia e do filme Constantine.** 2007.

CARREIRA, A. **El manuscrito como transmisor de las humanidades en los siglos de oro.** Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas (México), v. VI, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/82748>>. Acesso em 27 de mai. de 2020.

CASTRO, César Augusto. **Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O Nome da Rosa”.** RDBCI: Revista Digital De Biblioteconomia E Ciência Da Informação, v. 4, p. 1-20, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2026/2148>> Acesso em 17 de jul. de 2020.

COSTA, Daniel Lula et al. **Revelação figural: alegoria e presença dos seres híbridos na Divina Comédia, de Dante Alighieri.** 2019. Tese mestrado UFSC.

COTTEN, Nicole. **Ouro do tolo.** Tese de MFA (Master of Fine Arts), University of Iowa, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.17077/etd.149qg5xu>> Acesso em 12 de nov. de 2020.

CRIADO, Miguel Ángel. **Pesquisadores recuperam o conteúdo de pergaminho do século I calcinado.** Jornal El País. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/20/internacional/1421773796_321009.html> Acesso em 30 de out. de 2020.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE MENDONÇA, Elcio Valmiro Sales. **Análise do manuscrito pré-samaritano 4QPaleoExodm e sua relação com o manuscrito do Pentateuco Samaritano MS Add-1846.** Revista Pistis Praxis, v. 12, n. 2, 2020.



DE GÓES, Paulo. **O problema do riso em O nome da rosa, de Umberto Eco**. Revista de Filosofia Aurora, v. 21, n. 28, p. 213-240, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/sarticle/view/1225/1159>> Acesso em 17 de nov. de 2020.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. RJ: Record, 2003.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. 2010.

FBN I Acervo – Uniformes Militares do Rio de Janeiro Colonial. FBN. 2016. Disponível em: <<https://blogdabn.wordpress.com/2016/06/15/fbn-i-acervo-uniformes-militares-do-rio-de-janeiro-colonial/>> Acesso em 11 de nov. de 2020.

FERREIRA, Lucas. **Papiro – Como fazer o Papel do Antigo Egito**. 2020. Acesso em: <<https://antigoegito.org/papiro-como-fazer-o-papel-do-antigo-egito/?unapproved=65640&moderation-hash=7d4bbfb3de13b6c56a4d3d41b6975679#comment-65640>> Acesso em 12 de jun. de 2020.

FLOWER, Derek Adie. **Biblioteca de Alexandria: as histórias da maior biblioteca da antiguidade**. Editora Nova Alexandria, 2019.

GALASTRI, Luciana. **Conheça a lenda obscura da "bíblia do demônio"**. 2015. Disponível em. Revista Galileu. Globo. <<https://url.gratis/pdPbC>> Acesso em 29 de out. de 2020.

GODOI, P.W. **Virgem Maria e os livros de Reims: iluminuras medievais**. Revista Anima, Ano 4, nº 5, 2014, p. 73-93.

GODOI, P. W.; VISALLI, A. M. **Ilustração e devoção: Estudo sobre iluminura mariana no lecionário de Reims**. VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. Maringa, 2009. Disponível em <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/35.pdf>>. Acesso em 11 de mar. de 2020.

GRABIE, Rebecca. **Maravilhas da borda oculta: pinturas de vanguarda da biblioteca NYHS**. 2018. Sociedade Histórica de Nova York. Disponível em: <<http://blog.nyhistory.org/fore-edge-paintings/>>. Acesso em 12 de nov. de 2020.

HELLEMANS, Babette. **Apresentando a Bíblia de Lambeth. Um estudo de texto e imagens**. História da Igreja e Cultura Religiosa , v. 89, n. 4, pág. 548-550, 2009.

LOYD, Sheridan Monroe. **James M. David: The Composer, His Compositional Style, and a Conductor's Analysis of Symphony No. 1-Codex Gigas**. 2020. Tese de Doutorado. Colorado State University.



MARTINS, Charles. **Shin Saimdang, das telas para a vida**. 2017. Disponível em: <<https://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/historia/shin-saimdang-historia/>> Acesso em 17 de nov. de 2020.

MATIAS, Hoton Esteves; LIMA, Joana D'Arc de; GÓIS, Patrícia Lafayette. **Manuscritos: como suporte histórico dos registros do conhecimento, da escrita à encadernação**. Pernambuco, 2011. Trabalhos apresentados em eventos (UNIT-PE_Humanas Sociais). Disponível em <<https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/406>>. Acesso em 10 de mar. de 2020.

Museum of Gutenberg. © 2020 Landeshauptstadt Mainz. Disponível em: <<https://www.mainz.de/microsite/gutenberg-museum-en/rubrik1/index.php>> Acesso em 12 de jun. de 2020.

PEDRAZZIL, Kielling Fernanda. TRENNEPOH, Paulo Henrique. **Os Arquivos e a Sétima Arte**. Artigo. Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 29, n. 03, set/dez 2016, p. 43 - 55

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. **Quando a borda não enquadrava: as transgressões nas miniaturas de manuscritos medievais**. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, 2012.

PETERSON, Jaclyn C. **Uma análise dos acervos de pinturas de vanguarda na Universidade da Carolina do Norte e nas coleções de livros raros da Universidade Duke**. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.17615/2mqp-zr06>>. Acesso em 12 de nov. de 2020.

RAMIL, Chris de Azevedo. **A iconografia e a iconologia nos livros didáticos das Edições Tabajara: um estudo das imagens na Coleção Guri (Rio Grande do Sul, década de 1960)**. 2018. 398 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

RANGEL, José Corrêa. **Guarnição do Rio de Janeiro com seus uniformes e mapas do número de homens dos regimentos pagos e dos auxiliares**. [Rio de Janeiro], 1786. Proveniente da Coleção Castelo Melhor.

RIZIO, Bruno Sant'ana. **Critérios para a definição de obras raras**. Rev. Online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, v.2, n.3, p. 1-18, jun. 2001.

Saimdang, Light's Diary [vídeo] : Saimdang, Memoir of Colors / direção Yoon Sang-ho. Imprensa Coreia do Sul : Distribuição SBS. Produtora: Líderes criativos Group8 Inc. Emperor Entertainment Korea Ltd. Produtores: Song Byung-joon ; Choi Jun-young ; Song Jin-jung ; Kim Young-bae. 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.



SOOJIN, Kim. **Imagens vacilantes de Shin Saimdang: a invenção de uma heroína histórica na Coréia colonial**. Inter-Asia Cultural Studies 15.2 (2014): 274-290.

SPALDING, Marcelo. **Alice do livro impresso ao e-book: adaptação de Alice no país das maravilhas e de Através do espelho para iPad**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, UFRGS, 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/68264343-1-a-questao-do-fim-do-livro-e-da-literatura.html#show_full_text> Acesso em: 22 de out. de 2020.

SOUZA, Giliard de et al. **Preservação e conservação de manuscritos em suporte papel: Diretrizes para as coleções de obras raras da Biblioteca Universitária Federal de Santa Catarina**. 2018. UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182683>> Acesso em 18 de nov. de 2020.

TERRA NETWORKS BRASIL S.A.. **Encontrado na Itália manuscrito da Torá mais antigo do mundo**. 2013. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/encontrado-na-italia-manuscrito-da-tora-mais-antigo-do-mundo,8df8bfc217eee310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>> Acesso em 12 de jun de 2020.

“**The First Treasure Binding Associated with its Original Codex (783-795)**” Jeremy zorman’s History of Information. © 2004–2020 Jeremy M. Norman. Disponível em: <<http://www.historyofinformation.com/expanded.php?id=2216>> Acesso em 12 de nov. de 2020.

The name of the rose [vídeo] : **O nome da rosa** / direção Jean-Jacques Annaud. Imprensa França : Cristadifilm [produção] : France 3 Cinéma [produção] : Les Films Ariane [produção] : New Constantin Film [produção] : Rai Uno Radiotelevisione Italiana [produção] : Zweites Deutsches Fernsehen [produção], 1986 S.l. : Warner Home Video - Brasil [distribuição], 2004.

Weber, Carl Jefferson. **Pintura de vanguarda: um levantamento histórico de uma arte curiosa na decoração de livros**. Irvington-on-Hudson, Nova York: Harvey House, 1966. WORLD DIGITAL LIBRARY. **Bíblia de Borso d'Este**. 2017. Disponível em: <<https://www.wdl.org/en/item/9910/>> Acesso em 16 de nov. de 2020.

ZANZINI, Renata. **A Biblioteca dos livros acorrentados**. 2020. Copyright © 2016 BlogBlogmeu. Disponível em: <<http://blogblogmeu.com.br/a-biblioteca-dos-livros-acorrentados/>> Acesso em 18 de nov. de 2020.